



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

RENATA WYATT

REALIDADES E CULTURAS INDÍGENAS SOB O PONTO DE VISTA DE  
AILTON KRENAK E OUTROS(A) PENSADORES(A) INDÍGENAS  
CONTEMPORÂNEOS

CAMPINAS

2020

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Renata Wyatt

Realidades e Culturas Indígenas Sob o Ponto de Vista de Ailton Krenak e  
Outros(a) Pensadores(a) Indígenas Contemporâneos

Monografia apresentada à Faculdade de  
Educação da UNICAMP, para a obtenção  
do título de Licenciatura em Pedagogia,  
sob orientação do Prof. Dr. André Luiz  
Correia Gonçalves de Oliveira.

Campinas

2020

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca da Faculdade de Educação  
Rosemary Passos - CRB 8/5751

W97r Wyatt, Renata, 1965-  
Realidades e culturas indígenas sob o ponto de vista de Ailton Krenak e outros(a) pensadores(a) indígenas contemporâneos / Renata Wyatt. – Campinas, SP : [s.n.], 2020.

Orientador: André Luiz Correia Gonçalves de Oliveira.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Indígenas - Cultura. 2. Violência. 3. Resistência indígena. 4. Eurocentrismo. 5. Meio ambiente. I. Oliveira, André Luiz Correia Gonçalves de, 1973-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações adicionais, complementares

**Título em outro idioma:** The indigenous realities and cultures from Ailton Krenak point of view and others contemporary thinkers

**Palavras-chave em inglês:**

Indigenous people - Culture

Violence

Indigenous resistance

Eurocentrism

Environment

**Área de concentração:** Pedagogia

**Titulação:** Licenciatura em Pedagogia

**Data de entrega do trabalho definitivo:** 08-09-2020

## Folha de aprovação

---

Prof Dr. André Luiz Correia Gonçalves de Oliveira  
(Orientador)

---

Profa Dra. Alik Wunder  
(2a. Leitora)

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho à minha querida família, pelo incentivo para que eu finalizasse minha segunda graduação e pela compreensão das escolhas que precisei fazer durante os últimos cinco anos.

## **Agradecimentos**

Ao Prof Dr. André Luiz Correia Gonçalves de Oliveira pela orientação deste trabalho.

À Profa Dra. Alik Wunder por ter sido a segunda leitora.

À minha amiga Profa Dra. Claudia de Cassia Capello pela revisão ortográfica.

## Epígrafe

*Eu não aprendi a pensar as coisas da floresta fixando os olhos em peles de papel. Vi-as de verdade, bebendo o sopro de vida de meus antigos com o pó de yãkoana que me deram. Foi desse modo que me transmitiram também o sopro dos espíritos que agora multiplicam minhas palavras e estendem meu pensamento em todas as direções. Não sou um ancião e ainda sei pouco. Entretanto, para que minhas palavras sejam ouvidas longe da floresta, fiz com que fossem desenhadas na língua dos brancos. Talvez assim eles afinal as entendam, e depois deles seus filhos, e mais tarde ainda, os filhos de seus filhos. Desse modo, suas ideias a nosso respeito deixarão de ser tão sombrias e distorcidas e talvez até percam a vontade de nos destruir. Se isso ocorrer, os nossos não mais morrerão em silêncio, ignorados por todos, como jabutis escondidos no chão da floresta.*

Davi Kopenawa

## Resumo

Num passado bem recente, no início do século XXI, lideranças indígenas de etnias diversas têm saído de suas comunidades e vindo até a sociedade não indígena. Esta participação tem ocorrido por meio do protagonismo indígena em palestras e entrevistas, da publicação de livros que contam sobre as histórias e culturas de seus povos, além do ingresso dos jovens indígenas no ensino superior nas universidades brasileiras. Estas atividades têm sido uma das formas de resistência desses povos. Os contatos que vêm ocorrendo entre as lideranças indígenas e pessoas não indígenas, suscitaram a produção desta monografia. O livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, escrito pelo líder, ambientalista e pensador indígena Ailton Krenak, publicado em 2019, foi usado como fio condutor deste trabalho. Os assuntos selecionados da obra de Krenak versam sobre o poderio do capital, o consumo da mercadoria, os problemas ambientais, o pensamento coletivo indígena, a resiliência dos povos indígenas, e alguns aspectos relativos à cultura de povos indígenas, como os Krenak e os Yanomami. O desenvolvimento desta monografia se baseia na pesquisa científica sobre povos originários ligada ao pensamento crítico de autores como Pierre Clastres e Eduardo Galeano. Sendo a oralidade uma marca fundante dos povos indígenas, a metodologia escolhida foi baseada nas narrativas orais de Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Edson Kayapó, Davi Guarani e Fernanda Kaingang, gravadas em palestras, entrevistas e áudios, todos disponíveis na internet, e ainda na narrativa escrita por Davi Kopenawa e o antropólogo Bruce Albert na obra *A Queda do Céu*. Este tipo de trabalho se justifica por apresentar contraponto com a história estereotipada que ainda é contada sobre os povos indígenas principalmente em registros escritos. Foi considerado que este campo de pesquisa é bastante fértil para ser difundido entre educadores e pesquisadores. A invisibilidade dos povos indígenas do Brasil demonstra a necessidade do incremento de estudos científicos atualizados sobre as situações de vida e as culturas das várias etnias. É objetivo deste trabalho contribuir para a mudança desse status quo.

## **Abstract**

In a very recent past, at the beginning of the 21st century, indigenous leaders of different ethnicities have left their communities and have come to non-indigenous society. This participation has occurred through indigenous protagonism in lectures and interviews, such as the publication of books that comprehends their stories and cultures, along with the entry of young indigenous people into higher education at Brazilian universities. These activities have been one way of resistance for these people. The contacts that have been taking place between indigenous leaders and non-indigenous people have prompted the production of this monography. The book *Ideas to postpone the end of the world*, written by the indigenous leader, environmentalist and thinker Ailton Krenak, published in 2019, was used as the guiding thread of this work. The selected subjects of Krenak's work deals with the power of capital, the consumption of goods, environmental problems, indigenous collective thinking, the resilience of indigenous people and some aspects related to the culture of indigenous people such as the Krenak and the Yanomami. The development of this monography was based on scientific research on indigenous people linked to the critical thinking of the authors Pierre Clastres and Eduardo Galeano. Orality is a founding mark of the indigenous people so the methodology chosen was based on the oral narratives of Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Edson Kayapó, Davi Guarani and Fernanda Kaingang recorded in lectures, interviews and audios, all available on the internet. Also it has included the narrative written by Davi Kopenawa and the anthropologist Bruce Albert in the book *The fall of the sky*. This work is justified as a counterpoint to the stereotyped history that is still told about indigenous people mainly in written records. It was considered that this field of research is fertile enough to be disseminated among educators and researchers. The invisibility of the indigenous people in Brazil demonstrates the need to increase updated scientific research on life situations and cultures of the many different ethnic groups. The objective of this work is to contribute in order to change this status quo.

## Sumário

Introdução.....	09
1. Ideias para Adiar o Fim do Mundo.....	12
2. Colonização e extermínio.....	15
. A data simbólica do descobrimento do Brasil	
3. Primazia eurocentrada.....	18
. O clube da humanidade	
. As agências multilaterais	
. Educação	
4. República e extermínio.....	33
. A relação do Estado com os povos indígenas	
. O surgimento da militância indígena	
5. Meio ambiente.....	44
. A crise ambiental global e o mito da sustentabilidade	
. Ecologia do desastre e economia do desastre	
6. Cultura .....	53
. Povos indígenas e sua relação espiritual com o mundo natural	
. Queda do céu e empurrar o céu	
. A importância de construir memórias	
Considerações finais.....	62
Referências Bibliográficas	

## Introdução

Durante minha graduação no curso de Pedagogia da Unicamp ocorreram pequenos contatos com as questões indígenas, como: a composição de um trabalho a respeito de escolas indígenas, um workshop com o autor indígena Daniel Munduruku, e o conhecimento da existência da Lei Federal 11.645/2008, que determina que as escolas abordem história e cultura indígenas. Esse pequeno contato que tive durante a graduação, mesmo que mínimo se comparado a todos os assuntos abordados durante o curso de Pedagogia, suscitou a vontade de saber mais sobre a história indígena, pois percebi que o pouco conhecimento que eu tinha até então sobre esta história era contado sob o ponto de vista do colonizador Europeu. Ao procurar um tema para meu trabalho de conclusão de curso, meu professor orientador me sugeriu o livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, escrito pelo líder, ambientalista e pensador indígena Ailton Krenak e publicado em 2019. A partir da leitura do livro de Krenak percebi como sua escrita era forte, muito atual e cheia de significados. Assim, decidi que iria desenvolver minha monografia usando seu livro como fio condutor de minha escrita.

O livro de Krenak apresenta problemas de vasta extensão na nossa sociedade, num panorama que também se conecta à dimensões política, de meio ambiente e dos modos de vida humana. De modo geral, Krenak discorre sobre o poderio colonizador Europeu, o estado do progresso no mundo alicerçado no capital e como o sistema da mercadoria cobra um alto preço do meio ambiente, da terra e de grande parte de seus habitantes. Quando fala do poderio colonizador Europeu, Krenak cita as questões da tentativa de homogeneização eurocêntrica dos povos autóctones e das tentativas de extermínio praticadas contra eles durante séculos. Outro assunto abordado por Krenak tanto em nível global quanto dentro do Brasil, são as consequências da busca insaciável do capitalismo pelo lucro. No caso do Brasil essa busca afeta diretamente nos territórios indígenas, inclusive com o contínuo extermínio desses povos. Em outras palavras, classes dominantes se perpetuam no poder e avançam com seus

empreendimentos sobre as terras indígenas, seja através do agronegócio, da mineração ou outros modos de ações sempre saqueadoras e extrativistas.

Sobre o progresso do mundo globalizado, Krenak apresenta vários contrapontos à ideia de humanidade, que, segundo o autor, se afasta cada vez mais da natureza, em nome de um modo de vida insustentável, em que o consumo da mercadoria tomou o lugar do verdadeiro sentido de existir. Para Krenak, o grande sistema de consumo mercadológico, imposto a partir do capitalismo, no qual o sujeito não indígena está mais condicionado ao ter do que ao ser, faz parte da grande engrenagem de alta produção de bens de consumo. Na última parte de seu livro, Krenak (2019) aborda a era do Antropoceno que estamos vivendo atualmente. Para alguns estudiosos, como Andreas Malm (2018), a era atual deve ser denominada como Capitaloceno, por representar melhor os anos de expansão capitalista, segundo a qual a natureza tudo deve fornecer para o homem através de mercadorias. No entanto, Krenak traz o contraponto a essa ideia da natureza como fonte infinita de matérias-primas, considerando-a uma engrenagem insustentável, embasada pelo ideal antropocêntrico, que deixa marcas irreversíveis no meio ambiente. O autor também fala das dificuldades específicas que seu povo tem enfrentado por viver em Minas Gerais, às margens do Rio Doce, depois do maior desastre ambiental do país, causado pelo vazamento da lama tóxica da mineradora Vale S.A. em 2015. Quanto ao modo de vida indígena, o livro de Ailton Krenak mostra sua visão de mundo indígena baseada nos saberes das culturas do seu povo Krenak e das suas virtudes em relação ao mundo natural. A visão de mundo indígena descrita por Krenak se baseia na coletividade de decisões; em habitar territórios sem a ideia de propriedade ou herança; nos cuidados com a natureza e com os habitantes da comunidade; e na preservação de sua cultura.

O objetivo deste trabalho é partir da obra de Ailton Krenak - *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* - para desconstruir os estereótipos que ainda definem, de maneira equivocada, a cultura indígena. Para tanto, foi necessário recorrer à audiência de vídeos encontrados na internet, contendo entrevistas e palestras com Krenak.

Como forma de resistência num passado recente, no final do século XX, ainda na década de 80, lideranças indígenas de etnias diversas têm saído de suas comunidades e vindo

até a sociedade não indígena para participar de palestras e entrevistas, publicar livros que contam suas histórias e explicam suas culturas, e, no caso dos jovens indígenas para frequentar as universidades do país. Aproveitar esta oportunidade de encontro é muito importante para a pesquisa e para a construção de relações inter-étnicas sadias.

Para a construção deste trabalho, foram utilizadas as narrativas de Ailton Krenak e outras lideranças indígenas, como Davi Kopenawa, Edson Kayapó, Davi Guarani e Fernanda Kaingang. Além disso, foram selecionados autores que fizeram trabalhos sobre povos originários ligados ao pensamento crítico, como o antropólogo Pierre Clastres e o jornalista Eduardo Galeano. A metodologia utilizada tem por base as narrativas orais dos líderes indígenas citados anteriormente, gravadas em palestras, entrevistas e áudios, todos disponíveis na internet, exceto a de Davi Kopenawa, que está em livro.

Desse modo, propõe-se uma nova maneira de estudar os povos originários do Brasil, ouvindo suas ideias e memórias, e entendendo o que eles têm a dizer. Produzir trabalhos científicos baseados em suas falas é muito importante e necessário para divulgar o lado da história indígena contada pelos próprios indígenas e não por um outro interlocutor. Ao realizar pesquisas científicas sobre assuntos referentes às questões indígenas do passado e do presente, busca-se estar contribuindo para os povos indígenas do futuro.

Antigamente, os brancos falavam de nós à nossa revelia e nossas verdadeiras palavras permaneciam escondidas na floresta. Ninguém além de nós podia escutá-las. Então, comecei a viajar para que as pessoas das cidades por sua vez as ouvissem. Onde podia, espalhei-as por suas orelhas, em suas peles de papel e nas imagens de sua televisão. Elas se propagaram para muito longe de nós e, ainda que acabemos desaparecendo mesmo, continuarão existindo longe da floresta. Ninguém poderá apagá-las. Muitos brancos agora as conhecem. Ao ouvi-las, começarão a pensar: “Foi um filho dos antigos habitantes da floresta que nos falou. Ele viu com seus próprios olhos os seus parentes arderem em febre e seus rios se transformarem em lamaçais! É verdade!”. (KOPENAWA, 2015, p. 389)

## 1. Ideias para Adiar o Fim do Mundo

O livro *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* foi lançado por Ailton Krenak no segundo semestre de 2019 e é uma reunião de três palestras proferidas pelo autor em eventos diferentes.

Ailton Krenak nasceu em 1953 na região do vale do Rio Doce, em Minas Gerais. Ele pertence à etnia Krenak e é uma das maiores lideranças do movimento indígena brasileiro, tem formação como produtor gráfico e jornalista. Krenak como jornalista tem realizado um vasto trabalho educativo e ambientalista através de programas de vídeo e televisivos. Ele é um importante protagonista em diversas iniciativas de lutas ameríndias, além de ser um dos fundadores da *União das Nações Indígenas* e da *Aliança dos Povos da Floresta*, assim como da ONG *Programa de Índio*. Sua luta nas décadas de 1970 e 1980 foi determinante para a conquista do “Capítulo dos indígenas” na Constituição de 1988, explicada em outro capítulo deste trabalho. Na literatura é também autor de *O lugar onde a terra descansa* (2000), *O amanhã não está à venda* (2020), *A vida não é útil* (2020), além de uma coletânea de entrevistas publicada em 2015, *Ailton Krenak - Coleção Encontros*. Nos últimos anos, Ailton se recolheu de volta à Minas Gerais e mais perto do seu povo. Krenak idealizou e mantém o *Núcleo de Cultura Indígena*, ONG que realiza desde 1998 o *Festival de Dança e Cultura Indígena* na Serra do Cipó (MG), evento que visa promover o intercâmbio entre as diferentes etnias indígenas e delas com os não-indígenas. Em 2016 Krenak recebeu o título de doutor *Honoris Causa* pela UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora, tendo trabalhado junto à universidade desde 2014 em diversas atividades, com destaque para o seminário *Repensar a Universidade*, a disciplina *Artes e ofícios dos saberes tradicionais* e o Curso de Especialização *Cultura e História dos Povos Indígenas*. O título *Honoris Causa* é concedido pela UFJF a personalidades nacionais ou estrangeiras, cujas atividades, publicações ou descobertas tenham contribuído para o progresso da educação, das ciências, das letras e das artes.

Em depoimento gravado durante o evento Mekukradjá<sup>1</sup>, Ailton Krenak fala um pouco sobre a literatura indígena. A primeira questão levantada por Krenak, na época desse depoimento, é que seria difícil a realização de um livro escrito por ele que contasse as realidades enfrentadas pelos povos indígenas.

Se eu escrever uma literatura que conta o que os mineiros fizeram com os Krenak, com nossos antepassados botocudos, com a nossa paisagem, com as nossas montanhas e o golpe de morte que lhe deram no rio com extensão de 800 quilômetros, muito provavelmente nenhuma editora vai querer me publicar em Minas Gerais. (KRENAK, 2016)

Krenak também levanta uma outra questão relativa ao preconceito por parte de alguns leitores e críticos em relação à literatura indígena. Segundo Krenak, os livros escritos por escritores indígenas, pelo menos até aquele ano de 2016, trazem, em grande parte, a representação de suas culturas e seu modo de vida.

Um livrinho que eu estava vendo hoje tem um posfácio da publicação feita na Áustria onde o autor diz que a literatura que os indígenas estão fazendo na América Latina, ele não fala só do Brasil, ele disse que essa literatura é literatura universal apesar dela ser percebida com desprezo por uma certa escola. Por uma certa tendência da literatura indígena recorrer a muitos elementos narrativos que são do folclore e da cultura local, do modo de vida, diz que seria das nossas incongruências, sugerindo que povos que vivem na periferia do mundo, quando produzem uma literatura ativa ela vem informada pelo jeito de vida dessas pessoas e que isso acaba sendo um recurso apelativo para que essa literatura seja reconhecida. Este autor contesta esse tipo de julgamento, ele acha que isso é um preconceito, pois as pessoas lançam mão do que tem. (KRENAK, 2016)

Krenak demonstra a importância da literatura indígena quando diz que ela não deve ser considerada apelativa, já que os autores indígenas escrevem segundo suas experiências dentro de seus universos culturais. Ele destaca que, para além da experiência narrada por cada autor indígena, sua literatura deve ser também a portadora da história sobre as realidades de seus povos, em uma perspectiva histórica e documental.

---

<sup>1</sup> Evento Mekukradjá – Círculo de Saberes de Escritores e Realizadores Indígenas, realizado pelo Itaú Cultural em setembro de 2016.

Eu me ressinto de uma crítica da literatura que nós estamos chamando de indígena, ela está já com alguns aninhos de vida. [...] Pode começar a exigir dela uma performance mais competente com relação ao seu tempo. É bacana a gente contar a história dos nossos antepassados, é comovente contar uma história bonita, todo mundo quer ouvir uma história bonita, quem é que quer escutar uma história dura, a história real do que nós estamos vivendo hoje? Como é que a gente vai emoldurar essa história, como é que a gente vai fazê-la ser agradável, como que a gente vai puxar o interesse de alguém por essa literatura? (KRENAK, 2016)

As palavras de Krenak, na entrevista para o evento Mekukradjá, despertam uma questão que deve ser considerada: é importante que a chegada da cultura indígena na sociedade não indígena seja entendida como uma maneira de valorização desses povos, uma forma que eles próprios encontraram para resistir a fim de que suas culturas não desapareçam. Esse entendimento permite a construção de um futuro de relações com mais respeito entre indígenas e não indígenas, para as gerações atuais e futuras, buscando a perenidade de etnias indígenas em seus territórios de habitação. A literatura indígena que resgata as histórias ancestrais baseadas em mitos e significados da cultura de povos indígenas contribui para o contato dos não indígenas com essas culturas, o que é extremamente importante. No entanto, há espaço também para textos que narrem fatos relacionados com ocorrências vivenciadas pelas diversas etnias, que podem ser escritos pelos próprios indígenas, e é disso que fala Krenak.

Em palestra gravada no evento *Espiral dos Afetos*<sup>2</sup>, Krenak explicou que o título do livro *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* não se refere a contar uma história para adiar o fim do mundo no sentido físico ou material do mundo, mas de contar uma história que é capaz de transformar a nossa compreensão de mundo e despertar o desejo, onde houver potência para isso, de criar outros mundos. Se não fosse assim, teríamos uma repetição enfadonha de histórias. Contar uma história só para adiar o fim do mundo, segundo Krenak, não vale a pena. A questão relevante é contar uma história que adie o fim do mundo e que possibilite que se criem outros mundos. Contar uma história não pode ser apenas uma forma de embalar o imaginário humano enquanto o próprio homem devora o planeta.

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em

---

<sup>2</sup> Evento *Espiral dos Afetos* realizado no Centro de Artes UFF - Universidade Federal Fluminense em 4 de novembro de 2019, Niterói/RJ.

sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim. (KRENAK, 2019, p. 26)

Não é incorreto pensar que autores indígenas tenham tentado criar uma aproximação entre seus textos e a sociedade não indígena lançando mão unicamente dos aspectos que diferenciam sua cultura. Krenak, no entanto, não se contenta em falar apenas de sua cultura. Ele aborda as aflições e os anseios de seu povo e reflete sobre os problemas mundiais.

## **2. Colonização e extermínio**

### **A data simbólica do descobrimento do Brasil**

Segundo Krenak<sup>3</sup>, a descoberta do Brasil pelos brancos portugueses é simbólica, pois, para os povos indígenas, não ocorreu nenhum desembarque específico na alardeada data do descobrimento. Mesmo os povos que viviam no litoral não ficaram sabendo da chegada dos europeus. Krenak conta que, por mais de cem anos após o dito descobrimento, em 1500, os povos que moravam nos territórios que hoje se chamam Brasil não tinham conhecimento dos desembarques no continente. Os encontros entre os europeus e os indígenas começaram a realmente ocorrer mais de cem anos após a data de 1500, e foram acontecendo em diferentes tempos e diferentes lugares da costa Atlântica. Dessa maneira, a data defendida pelos portugueses não significa absolutamente nada para os povos indígenas.

De acordo com Krenak, a estimativa mais recente feita por demógrafos indica que, antes da chegada do homem branco, havia entre 16 milhões a 20 milhões de pessoas vivendo no

---

<sup>3</sup> Entrevista de Ailton Krenak concedida a Bob Fernandes para a TVE Bahia, em 6 de fevereiro de 2020.

território que foi chamado de Brasil. A estimativa do número de habitantes indígenas antes do primeiro contato com os invasores europeus, em 1500, varia bastante – de 3 milhões a 11 milhões de habitantes. De acordo com o site Survival Brasil,

Quando, em 1500, os primeiros colonos europeus chegaram à terra que é hoje chamada de Brasil, ela era habitada por um número estimado de 11 milhões de indígenas que viviam em cerca de 2.000 grupos. No primeiro século de contato, 90% dos indígenas foram exterminados, principalmente por meio de doenças trazidas pelos colonizadores, como a gripe, o sarampo e a varíola. Nos séculos seguintes, milhares de vítimas morreram ou foram escravizadas nas plantações de cana-de-açúcar e na extração de minérios e borracha. (SURVIVAL BRASIL, 2020)

Na década de 1950, a população tinha caído para um número tão baixo que foi previsto que nenhum indígena sobreviveria até o ano de 1980. Estima-se que, em média, um povo se tornou extinto a cada ano entre 1900 e 1957. (SURVIVAL BRASIL, 2020)

Embora Krenak não tenha citado a fonte da informação a respeito do número variável entre 16 milhões e 20 milhões de habitantes em sua entrevista, ele sustenta que, diante do objetivo da colonização de dizimar os povos indígenas, cerca de 12 milhões de indígenas foram mortos até o final dos tempos coloniais. Krenak pontua que esses números são aproximados, pois havia, na época, grande fluxo de pessoas de povos originários que tinham os costumes nômades e se deslocavam entre os territórios de fronteira do Brasil com países da América do Sul.

Ainda de acordo com o que diz Krenak, o Brasil atualmente é habitado por cerca de 250 povos de várias etnias indígenas, sendo que as diversas etnias falam mais de 150 línguas e dialetos, possuindo também multiplicidade de costumes. Segundo os dados finais do Censo Demográfico realizado pelo IBGE em 2010, há 896.917 indígenas no país, dos quais 572.083 vivem na zona rural e 324.834 habitam as zonas urbanas brasileiras (IBGE, 2020). Krenak ainda destaca que a divisão administrativa de países indicada pelos mapas geopolíticos do Brasil e da América do Sul nada tem a ver com as localizações dos territórios indígenas e ainda há várias etnias que se localizam em territórios que estão em cima das linhas de fronteiras do Brasil com alguns países da América do Sul. Assim, algumas das etnias indígenas estão tanto no Brasil

como em outros países da América Latina, como Suriname, Peru, Colômbia, Venezuela e Bolívia.

Segundo Galeano (2012, p. 49), a febre do ouro, que continua impondo a morte ou a escravidão aos indígenas da Amazônia, não é nova no Brasil; tampouco seus estragos. Durante dois séculos a partir do descobrimento, o solo do Brasil teimosamente negou os metais aos seus proprietários portugueses. A exploração da madeira, o pau-brasil, ocupou o primeiro período da colonização do litoral, e logo apareceram grandes plantações de cana-de açúcar no nordeste. No entanto, diferentemente da América hispânica, o Brasil parecia vazio de ouro e prata. Os portugueses não tinham encontrado ali civilizações indígenas de alto nível de desenvolvimento e organização, como os Incas, somente tribos consideradas como selvagens e dispersas. Os aborígenes desconheciam os metais, foram os portugueses que, por sua conta, tiveram de descobrir os depósitos dos aluviões de ouro no vasto território que se abria, através da derrota e do extermínio dos indígenas. Importante destacar que a febre da busca por minerais continua na atualidade, com intensa invasão de terras indígenas na Amazônia pelos garimpeiros legais e ilegais, causando muitos conflitos.

A última notícia sobre o garimpo nas terras Yanomami é bem atual para o desenvolvimento deste trabalho, foi publicada no site do ISA- Instituto Socioambiental no dia 4 de julho de 2020. Dário Kopenawa, filho do líder indígena Davi Kopenawa, teve uma reunião com o atual vice-presidente da República e pediu a intervenção imediata do Estado na retirada dos garimpeiros das terras Yanomamis.

Em encontro nesta sexta-feira 3 de Julho com o Vice-Presidente da República, general Hamilton Mourão, o líder indígena Dário Kopenawa levou a mensagem do povo Yanomami e Ye'kwana pela retirada imediata dos garimpeiros ilegais de seu território. Dário, que foi a Brasília em nome da Hutukara Associação Yanomami, denunciou também o recente assassinato de dois Yanomami, “vitimados pelos garimpeiros ilegais”, conforme pontuou em nota a organização. (ISA, 2020)

Acompanhado da deputada federal Joenia Wapichana (Rede-RR), responsável por abrir o canal de diálogo, Dário pediu a Mourão ações concretas para evitar novas invasões durante a pandemia, demonstrando por meio de mapas, cartas e documentos o cenário crítico que enfrentam os indígenas por causa dos garimpeiros. Na nota, a Hutukara recordou os impactos negativos da atividade

ilegal, como a contaminação dos rios por mercúrio e a destruição das florestas.(ISA, 2020)

Na reunião, o Vice-Presidente se comprometeu a reabrir as quatro Bases de Proteção Etnoambiental (Bapes), que funcionam como postos de fiscalização e controle dentro da Terra Indígena Yanomami (TIY). Disse que estuda a possibilidade de uma desintrusão do garimpo da TIY sem, contudo, explicar quando e como isso acontecerá.(ISA, 2020)

A notícia destacada é apenas um dos exemplos de uma infinidade de notícias sobre as invasões de garimpeiros, madeireiras e grileiros em vários territórios indígenas. Quando uma liderança indígena vem falar com uma autoridade do governo espera-se que haja algum retorno por parte do Estado, em não havendo, esses povos acabam por tentar resolver as questões por eles mesmos e em algumas destas ocasiões o resultado é o pior possível, ocasionando a morte de algumas lideranças.

### **3. Primazia eurocentrada**

#### **O clube da humanidade**

De acordo com Krenak na entrevista concedida à Bob Fernandes<sup>4</sup>, a Idade Moderna inaugurou uma ideia de mundo que projeta uma humanidade, na qual todos os povos iriam entrar no mesmo protocolo. Para quem teve a experiência de nascer em outra cultura como ele, essa ideia de humanidade é uma observação externa a esse “conserto” de povos. Na fala de Krenak, o “conserto” se refere à ideia de consertar os povos indígenas para que eles entrem no dito protocolo da humanidade mundial. No início, a promessa do protocolo era a inclusão de todos, porém ao longo do caminho, essa humanidade, que era para todos, foi ficando cada vez menor, até virar um clube: o *clube da humanidade*. Assim, criou-se um modelo que nem todos conseguem alcançar.

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz

---

<sup>4</sup> Entrevista de Ailton Krenak concedida a Bob Fernandes para TVE Bahia em 6 de fevereiro de 2020.

incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história.(KRENAK, 2019, p. 11)

Dessa maneira, para entrar para o *clube da humanidade*, é preciso se encaixar em um modelo pré-estabelecido pela cultura dominante. Pensando no Brasil, a dominação colonizadora tomou de assalto muitas das nossas riquezas e ainda impingiu uma cultura plasmada e homogeneizada. No entanto, mesmo com a tentativa um tanto violenta de homogeneização os povos originários ainda mantiveram parte de suas culturas.

Segundo Krenak, a ideia de humanidade deveria dizer respeito à coexistência das diversas narrativas. O autor reprova o conceito convencional de humanidade, forjado pelo europeu, que segundo ele, não engloba caiçaras, indígenas, quilombolas e outros povos que, por viverem agarrados à terra, são relegados a uma sub-humanidade. Krenak critica firmemente o que foi feito ao longo dos séculos, na tentativa de aniquilação das culturas vindas dos povos autóctones, considerando-as menos importantes que as culturas eurocêntricas.

Krenak pontua em seu livro as mudanças que começaram a despontar na pesquisa científica na linha da perspectiva crítica no século atual.

Agora, no começo do século XXI, algumas colaborações entre pensadores com visões distintas originadas em diferentes culturas possibilitam uma crítica dessa ideia. Somos mesmo uma humanidade? (KRENAK, 2019, p. 11)

O antropólogo Pierre Clastres (2017), no primeiro capítulo de seu livro *A sociedade contra o Estado*, fala sobre uma mudança de comportamento em relação ao eurocentrismo, mas é uma mudança apenas superficial. Segundo Clastres, o modelo tido como o ideal que é do “homem são de espírito e letrado”, ainda continua o mesmo, como no *Clube da Humanidade* descrito por Krenak.

Há apenas meio século, o modelo perfeito que todas as culturas tentavam realizar, através da história, era o adulto ocidental são de espírito e letrado (talvez doutor em ciências físicas). Isso sem dúvida se pensa ainda, mas em

todo caso não se diz mais. Entretanto se a linguagem mudou, o discurso permaneceu o mesmo. (CLASTRES, 2017, p. 32)

Pode-se dizer que a falta de conhecimento que os próprios homens da ciência demonstraram, em relação aos povos autóctones, não facilitou a valorização desses povos, e, pelo contrário, até motivou sua sanha por saque, pilhagem e sequestro. Clastres, ao escrever sobre seu próprio campo de pesquisa, faz várias críticas quanto à perspectiva etnocêntrica presente em trabalhos antropológicos. Segundo ele, quando o espelho não nos devolve a nossa imagem, isso não prova que não haja nada a observar. No trecho a seguir, Clastres mostra um grande entendimento, livre de preconceitos e de categorias etnocêntricas, sobre as sociedades não letradas.

Os povos sem escrita não são então menos adultos que as sociedades letradas. Sua história é tão profunda quanto a nossa e, a não ser por racismo, não há por que julgá-los incapazes de refletir sobre a sua própria experiência e de dar a seus problemas as soluções apropriadas. (CLASTRES, 2017, p. 34)

O que Clastres apresenta é uma conscientização da alteridade que acredita que deveria existir na Antropologia. Ao afirmar que “não há por que julgá-los incapazes de refletir sobre a sua própria experiência”, o autor parece preannunciar o que está acontecendo agora no Brasil, quando as lideranças indígenas vêm mostrar suas experiências para a sociedade não indígena e refletir sobre elas. Assim como Ailton Krenak, outras lideranças indígenas lançaram seus livros em língua portuguesa contando suas histórias. Quando Clastres diz “e de dar a seus problemas as soluções apropriadas”, ele fala de uma forma genérica, mas que se confirma ao longo da narrativa de Krenak. A luta constante dos povos indígenas contra o etnocídio, sua resiliência, sua vinda ao encontro da sociedade não indígena, sua maneira de resolver os problemas internos de seu povo, demonstram que eles sabem o que estão fazendo e não podem ser considerados uma sociedade com menos sabedoria do que a sociedade não indígena.

Clastres apresenta uma crítica bem pontual em relação à categorização na Antropologia. Para ele, se os antropólogos quiserem realmente constituir uma ciência do homem, é necessário que o discurso etnológico seja articulado, desse modo mostrando respeito às culturas arcaicas e se interrogando sobre a validade de categorias como a de “economia de subsistência” ou “de

controle social imediato”. Para Clastres, essas categorias devem ser questionadas, pois, se esse trabalho crítico não for efetuado, pode-se deixar escapar o real sociológico. Quando Clastres se refere às categorias de economia de subsistência ou de controle social imediato, está se referindo a alguns tipos de critérios usados na Antropologia que definem sociedades primitivas como economicamente de subsistência e sem o poder político como conhecemos no mundo ocidental.

Para Clastres (2017, p. 37), o poder político como coerção ou como violência é a marca das sociedades históricas, isto é, das sociedades que trazem em si a causa da inovação, da mudança, da historicidade. No trecho de Krenak a seguir, verifica-se a violência praticada contra as sociedades indígenas, quando em nome da modernidade, muitos são expulsos de seus territórios e são compelidos a se deslocarem para as áreas urbanas.

Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício de ser. A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos. (KRENAK, 2019, p. 14)

No trecho apresentado, Krenak demonstra que a migração dos indivíduos de zonas rurais, como as populações quilombolas, indígenas e ribeirinhas, para os centros urbanos, não foi motivada pela busca de emprego, como ocorre com o chamado êxodo rural, em que o fluxo migratório do campo para a cidade é impulsionado pela impossibilidade de subsistência no primeiro, levando populações a buscar melhores oportunidades no meio urbano. No caso dos povos citados por Krenak, a migração foi decorrência da expulsão recorrente dessas populações de seus territórios, o que as levou a migrar para zonas urbanas. Pode-se considerar um êxodo rural motivado pela violência.

Krenak pontua a maneira como os povos originários do Brasil lutaram contra a colonização que queria acabar com seus mundos, e quais estratégias esses povos utilizaram para cruzar esse pesadelo e chegar ao século XXI ainda reivindicando e desafiando a classe dominante. Desse modo, Krenak escreve:

Vi as diferentes manobras que os nossos antepassados fizeram e me alimentei delas, da criatividade e da poesia que inspirou a resistência desses povos. A civilização chamava aquela gente de bárbaros e imprimiu uma guerra sem fim contra eles, com o objetivo de transformá-los em civilizados que poderiam integrar o clube da humanidade. [...] me alimento da resistência continuada desses povos, que guardam a memória profunda da terra [...] os povos do Caribe, da América Central, da Guatemala, dos Andes e do resto da América do Sul tinham convicção do equívoco que era a civilização. Eles não se renderam porque o programa proposto era um erro. [...] Toma a Bíblia, toma a cruz, toma o colégio, toma a universidade, toma a estrada, toma ferrovia, toma a mineradora, toma a porrada. (KRENAK, 2019, p. 28)

A resistência indígena da qual fala Krenak fica patente pelo fato de os povos indígenas, mesmo com a intensa investida de todo tipo de violência sem trégua desde 1500, terem conseguido chegar ao século XXI, ainda que em muito menor número que outrora, com algumas das etnias tendo suas culturas e línguas preservadas. A percepção de Krenak e de outras lideranças indígenas, como, por exemplo, Davi Kopenawa, é muito clara em relação ao não desejo de mudar seus modos de vida.

Davi Kopenawa nasceu por volta de 1956 no norte da Amazônia brasileira, no alto rio Toototobi e é uma das maiores lideranças indígenas do mundo. Sua aldeia fica no território Yanomami, homologado em 1992 com o nome de Terra Indígena Yanomami, numa área de 96 mil quilômetros quadrados no Brasil, localizada no extremo norte da Amazônia, ao longo da fronteira com a Venezuela. Conta com uma população de aproximadamente 21600 pessoas, repartidas em pouco menos de 260 grupos locais. Davi Kopenawa nascido num mundo muito afastado do homem branco, viu-se confrontado desde a infância, muitas vezes de maneira heroica, com os sucessivos avanços da fronteira regional por diferentes frentes como os agentes do Serviço de Proteção aos Índios – SPI, os militares da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites – CBDL, os missionários evangélicos, os trabalhadores de estradas, os garimpeiros e os fazendeiros. Kopenawa está à frente da Hutukara Associação Yanomami, fundada para defender os direitos de seu povo, foi na sede da entidade, na capital de Roraima, que sofreu ameaças de morte em 2014. Kopenawa escreveu juntamente com o antropólogo francês Bruce Albert o livro *A Queda do Céu*, sobre o qual apresentaremos uma breve descrição no capítulo da cultura do presente trabalho.

De acordo com Krenak, os povos indígenas resistiram à homogeneização expandindo a subjetividade, não aceitando a ideia de humanidade plasmada. Além de os povos indígenas rechaçarem a cultura não indígena, eles também têm orgulho de se manterem fiéis aos costumes, à língua e às culturas características de cada etnia.

A gente resistiu expandindo a nossa subjetividade, não aceitando essa ideia de que nós somos todos iguais. Ainda existem aproximadamente 250 etnias que querem ser diferentes umas das outras no Brasil, que falam 150 línguas e dialetos. (KRENAK, 2019, p. 31)

O povo Krenak gosta do seu modo de vida e não tem vontade de mudá-lo, corrompê-lo ou dissolvê-lo. A resistência dos povos indígenas é admirável e Clastres bem explica algo que Krenak também comenta ao longo de suas palestras. Assim encontramos em Clastres a afirmação e a razão pelas quais os povos indígenas não desejam entrar para o clube da humanidade.

Inacabamento, incompletude, falta: não é absolutamente desse lado que se revela a natureza das sociedades primitivas. Ela impõe-se bem mais como positividade, como domínio do meio ambiente natural e do projeto social, como vontade livre de não deixar escapar para fora de seu ser nada que possa alterá-lo, corrompê-lo e dissolvê-lo. (CLASTRES, 2017, p. 174)

A mesma afirmativa é encontrada em Kopenawa, quando ele reforça que, apesar de ter tido a oportunidade de estar entre os brancos, ele não gostou. Ele diz que a possibilidade dele virar um homem branco é a mesma de um homem branco se tornar Yanomami, isto é, nenhuma.

Hoje, os brancos acham que deveríamos imitá-los em tudo. Mas não é o que queremos. Eu aprendi a conhecer seus costumes desde a minha infância e falo um pouco a sua língua. Mas não quero de modo algum ser um deles. A meu ver, só poderemos nos tornar brancos no dia em que eles mesmos se transformarem em Yanomami. Sei também que se formos viver em suas cidades, seremos infelizes. Então, eles acabarão com a floresta e nunca mais deixarão nenhum lugar onde possamos viver longe deles. Não poderemos mais caçar, nem plantar nada. Nossos filhos vão passar fome. Quando penso em tudo isso, fico tomado de tristeza e de raiva. (KOPENAWA, 2015, p. 77)

É muito importante entender que os povos indígenas, que estão dentro da classificação que Clastres chama de *sociedades primitivas*, não se encaixam na lógica histórica do sistema

social de classes da modernidade capitalista. Desta maneira não se pode analisá-las sob a ótica etnocêntrica, há que se entender seu modo de vida.

É a isso que nos devemos prender com firmeza: as sociedades primitivas não são os embriões retardatários das sociedades ulteriores, dos corpos sociais de decolagem “normal” interrompida por alguma estranha doença, elas não se encontram no ponto de partida de uma lógica histórica que conduz diretamente ao termo inscrito de antemão, mas conhecido apenas a *posteriori*, o nosso próprio sistema social. (CLASTRES, 2017, p. 174)

As várias tentativas de enquadramento dos povos indígenas em qualquer padrão ocidental, seja ele religioso ou de comportamento foram apenas mais um tipo de violência sofrida por esses povos. Na verdade, essas tentativas de enquadramento nada mais eram que uma camuflagem dos interesses de dominação para pilhagem de riquezas e para sequestro de mão de obra escrava.

### **As agências multilaterais**

De acordo com Krenak,

Pensemos em nossas instituições mais bem consolidadas, como universidades ou organismos multilaterais, que surgiram no século XX: Banco Mundial, Organização dos Estados Americanos (OEA), Organização das Nações Unidas (ONU), Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). [...] Essas agências e instituições foram configuradas e mantidas como estruturas dessa humanidade. E nós legitimamos sua perpetuação, aceitamos suas decisões, que muitas vezes são ruins e nos causam perdas, porque estão a serviço da humanidade que pensamos ser. (KRENAK, 2019, p. 12)

Segundo Krenak, o *clube da humanidade* se mantém através de instituições bem consolidadas, que ele chama de *agências multilaterais*. Essas *agências multilaterais* teriam poder de decisão sobre assuntos globais que podem atingir vários países, e estariam atreladas ao interesse mundial da engrenagem do capital. Dessa maneira, países em desenvolvimento ou ainda os chamados de terceiro mundo participam de uma engrenagem na qual decisões tomadas por essas agências não estão por dentro da problemática existente em cada país.

De acordo com Krenak, na entrevista concedida a Bob Fernandes<sup>5</sup>, o *clube da humanidade* é formado por uma pequena e seleta parcela da população mundial, enquanto os outros 70 a 80% dos habitantes vivem *na borda do planeta* e são jogados numa vala comum de gente que não precisa nem existir, são os sub-humanos. As agências multilaterais - UNESCO, ONU, Banco Mundial e OEA -, que nasceram no começo do século XX e se consolidaram depois da segunda guerra mundial, são esteios do ideal de humanidade claramente centrada na Europa, e elas irradiam para o mundo essa promessa civilizatória.

De acordo com Krenak,

As andanças que fiz por diferentes culturas e lugares do mundo me permitiram avaliar as garantias dadas ao integrar esse clube da humanidade. E fiquei pensando? “Por que insistimos tanto e durante tanto tempo em participar desse clube, que na maioria das vezes só limita a nossa capacidade de invenção, criação, existência e liberdade? Será que estamos sempre atualizando aquela nossa velha disposição para servidão voluntária? Quando a gente vai entender que os Estados nacionais já se desmancharam, que a velha ideia dessas agências já estava falida na origem? Em vez disso, seguimos arrumando um jeito de projetar outras iguais a elas, que também poderiam manter a nossa coesão como humanidade. (KRENAK, 2019, p. 13)

De acordo com o autor, as instituições multilaterais acabam sendo um reforço de dominação dos países ricos sobre os países em desenvolvimento e países subdesenvolvidos. Com o suposto intuito de colaboração com as misérias e dificuldades de países menos ricos, essas instituições estariam a se meter com as esferas econômicas, sociais e até políticas daqueles países. A princípio, o financiamento que vem de países ricos para ajudar países com dificuldades sociais parece ser muito valioso e também bastante divulgado pelos meios de comunicação, mas persiste a dúvida sobre as reais intenções desses grupos.

Segundo Milanez et al,

Darcy Ribeiro, na investigação encomendada pela UNESCO em 1952 sobre a relação entre índios e brancos – que se tornou um marco sobre o assunto e foi publicada sob o título *Os índios e a civilização* –, revelou a violência da “integração”. Sobre o conflito entre colonos e os povos indígenas que barravam o caminho da expansão, Ribeiro assinalou que “de acordo com a visão quase unânime dos historiadores brasileiros e até mesmo dos antropólogos que

---

<sup>5</sup> Entrevista de Ailton Krenak concedida a Bob Fernandes para TVE Bahia em 6 de fevereiro de 2020.

estudaram o problema, esse enfrentamento teria como efeito a desaparecimento das tribos ou a sua absorção pela sociedade nacional” (RIBEIRO, 1970, p. 8). O resultado esperado era a “assimilação plena, através da miscigenação” (Ibid., p. 8). Suas pesquisas revelaram o contrário: a maioria da população indígena foi exterminada, e os que sobreviveram permanecem indígenas “na auto-identificação”. O ideal da “assimilação plena”, miscigenação e democracia racial esperado pela UNESCO, deu lugar ao que Ribeiro chamou na época de “transfiguração étnica”. (MILANEZ et al, 2019, p. 2166)

Krenak ainda chama a atenção para a questão do extermínio de línguas indígenas: apenas as línguas que estariam servindo como ponte entre o setor empresarial nacional e, principalmente, o internacional, estariam sendo preservadas. Nesse sentido, o intuito é possibilitar a comunicação entre as empresas e os povos indígenas que estão em territórios de interesse econômico.

Para a UNESCO, 2019 é o ano internacional das línguas indígenas. Todos nós sabemos que a cada ano ou a cada semestre uma dessas línguas maternas, um desses idiomas originais de pequenos grupos que estão na periferia da humanidade, é deletada. Sobram algumas, de preferência aquelas que interessam às corporações para administrar a coisa toda, o desenvolvimento sustentável. (KRENAK, 2019, p. 23)

Krenak aponta, dessa forma, para o interesse internacional em manter algumas línguas indígenas que poderiam facilitar, por exemplo, a obtenção de conhecimentos relativos à biodiversidade da flora para o uso medicinal e cosmético de plantas nativas, além de outros interesses relativos às riquezas localizadas em terras indígenas.

Outra questão a ser analisada é o quanto essas *agências multilaterais* são realmente eficientes em relação aos seus anunciados propósitos.

Segundo Alves,

a ONU produziu muito material interessante nos últimos 30 anos. Mas, em vez de ações, as palavras bonitas servem mais para obnubilar o fato de que o padrão de produção e consumo da humanidade continua destruindo as bases da vida no planeta e que a crise ambiental está se agravando e se acelerando. (ALVES, 2019, p. 9)

Alves se refere à crise ambiental global causada pela produção de mercadorias e o consumo da humanidade, que, segundo o autor, já é bem divulgada e discutida, porém, entre

congressos mundiais sobre o meio ambiente, papéis e acordos feitos, as ações da ONU não são efetivas.

Dessa maneira, as afirmações de Krenak chamam a atenção para este outro lado das *agências multilaterais*, trazendo uma visão mais crítica sobre as mesmas. É fato que, ao acessar os sites dessas agências, tem-se a sensação de isenção de interesses e das boas intenções das mesmas para com os países mais pobres do planeta. No entanto, a partir da crítica de Krenak, é importante atentar para uma visão mais ampla em relação às agências que têm um forte apelo midiático.

## **Educação**

As narrativas dos líderes indígenas destacadas a seguir foram gravadas para o evento Mekukradjá. O evento Mekukradjá – Círculo de Saberes foi realizado pelo Itaú Cultural nos anos de 2016 a 2019, com curadoria de Daniel Munduruku, Júnia Torres e outros. O evento reúne debates, exposições audiovisuais e podcasts para discutir a resistência dos indígenas no Brasil contemporâneo. O ciclo de debates reúne representantes de diversas etnias indígenas, além de pesquisadores e especialistas, para discutir temas com enfoque nas vivências e preocupações sociais, artísticas, culturais e identitárias no âmbito das questões indígenas. O curador Daniel Munduruku é um líder indígena formado em Filosofia e Educação pela Universidade de São Paulo, autor de vários livros de literatura infantil e juvenil premiados no Brasil e no exterior, e atualmente é presidente do Inbrapi – Instituto Indígena Brasileiro para Propriedade Intelectual –, instituição que defende os conhecimentos tradicionais dos povos indígenas, já a curadora Júnia Torres é antropóloga e cineasta, realizou trabalhos com povos indígenas e atua nas áreas da antropologia urbana, sub-culturas juvenis, religiosidade e antropologia das populações afro brasileiras.

O livro de Krenak não fala diretamente sobre a esfera educacional, mas muitas de suas afirmações nos fazem questionar o rumo que estamos construindo na formação de nossas crianças e jovens. Os pensamentos de Krenak apresentam algumas diretrizes importantes na

conscientização das pessoas de um modo geral, e chama atenção para o fato de que ainda não conseguimos nos tornar independentes do *clube da humanidade* inventado pelas nações que detêm o poder econômico. Quando Krenak escreve: “Por que insistimos tanto e durante tanto tempo em participar desse clube, que na maioria das vezes só limita a nossa capacidade de invenção, criação, existência e liberdade?”, é possível traçar uma correlação com o depoimento do líder indígena Edson Kayapó<sup>6</sup>.

Edson Kayapó é doutor em História da Educação e pós-doutorado em História e Historiografia da Amazônia. É professor da Licenciatura Intercultural Indígena do IFBA – Instituto Federal da Bahia, ministra aulas no curso em regime de alternância, com parte delas no campus e outra parte nas aldeias. Tem atuado na coordenação de programas institucionais que promovem a formação continuada de professores indígenas na UFSB - Universidade Federal do Sul da Bahia. Em 2019 teve dois de seus livros premiados pela Cátedra de Leitura, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, que, anualmente, lança produções proeminentes na Literatura Infantil e Juvenil do país.

Destaco que no presente trabalho não foi feita uma análise da situação das escolas indígenas no Brasil, a informação das situações narradas por Edson Kayapó estão de acordo com algumas histórias que ele conta no próprio podcast do evento. A questão de pilhas de livros didáticos e da professora que chegou para dar aula numa aldeia no norte do Brasil onde o povo indígena nem falava o português, são referências usadas por Kayapó em sua narrativa.

Segundo Kayapó, como é possível uma escola que, historicamente, massacrou os indígenas, de uma hora para outra se tornar algo tão belo que vai salvá-los e vai promover a redenção dos povos indígenas? Kayapó questiona como uma agência que sempre foi violenta vai se transformar em parceira, se o processo de educação dos povos indígenas começou pela cabeça, com a colonização muito violenta através da imposição de conhecimentos que não tinham nada a ver com eles, desde os jesuítas até os dias de hoje, sempre tentando impor o jeito de ser que não é o originário, assim exterminando as línguas, os rituais, as tradições e os conhecimentos milenares desses povos? A proposta do governo do estado brasileiro era incluir

---

<sup>6</sup> Depoimento de Edson Kayapó, em podcast, para o evento Mekukradjá realizado pelo Itaú Cultural em 2017.

nas aldeias indígenas uma escola identificada como “diferenciada”, porém Kayapó cita que os alunos devem ir uniformizados para as salas de aula de quatro paredes que possuem as carteiras enfileiradas, com pilhas de livros didáticos das grandes editoras brasileiras, com o mesmo conteúdo dado nas escolas não indígenas das grandes metrópoles e ainda escritos em língua portuguesa, ou seja, o mesmo modelo da maior parte das escolas brasileiras. Segundo Kayapó, a escola colonizadora chegou como terra estrangeira de colonização do povos indígenas, com o modelo cartesiano falido, que não serve para as cidades e muito menos para os povos indígenas. Para Kayapó, estamos no momento de descolonizar a escola, temos que aprender com a terra, com as forças sagradas e as forças da natureza como os animais, rios, árvores, montanhas e tudo o mais que envolve o ambiente natural. No entanto, ele relata uma grande angústia, porque os professores designados para essas escolas públicas indígenas são formados em cursos interculturais, são pessoas que se dizem descolonizadoras do saber, mas elas não são indígenas. Então, como esses professores vão ensinar as tradições indígenas sem serem indígenas, sem conhecer as línguas, os costumes, o que comem essas populações? Por outro lado, esses docentes são, de alguma forma, herdeiros daqueles que colonizaram violentamente os povos indígenas. Junta-se a isso o fato de que esses cursos de formação de professores indígenas não aceitam que os professores sejam aqueles considerados os verdadeiros *doutores indígenas* pelos povos indígenas, no caso os pajés, as curandeiras, as parteiras, os farinheiros, as dançarinas, os pescadores e os caçadores. Como os *doutores indígenas* não são aceitos nos cursos de formação de professores, Kayapó vê muita dificuldade no fato de a formação dos alunos indígenas se dar de forma efetiva nessas escolas.

De acordo com o depoimento de Edson Kayapó, pode-se supor que nas escolas mencionadas pelo líder são necessários ajustes entre o que estas escolas públicas indígenas oferecem e o que os indígenas necessitam. Kayapó afirma que os povos indígenas já perceberam que precisam da escola diferenciada, para que haja a construção de um diálogo entre seu conhecimento tradicional e a ciência não indígena, para, assim, fazerem a defesa de seus territórios, entendendo as leis brasileiras e usando todos os instrumentos disponíveis para garantir isso. Para Kayapó, eles têm de usar o diálogo, a caneta, as leis, para fazer a gestão e

defesa dos territórios, assim precisam fortalecer as línguas, valorizar as histórias e memórias, ter forte espiritualidade, e é fundamental que a escola seja uma agência nesse formato.

As histórias narradas por Edson Kayapó para o Mekukradjá, denotam uma desorganização deste sistema de implantação de escolas indígenas, que mostra o desperdício de recursos financeiros e humanos, que numa primeira impressão chamam atenção muito negativamente para as escolas mencionadas por ele. Um tipo de comportamento retórico de governos brasileiros em relação aos povos originários é a falta de comunicação entre o governo e as lideranças - nesse caso, as indígenas. A escuta das verdadeiras necessidades de cada povo indígena, o planejamento dos recursos humanos que iriam trabalhar nessas escolas e treinamento específico, a inclusão dos verdadeiros *doutores indígenas* também no quadro docente, um outro tipo de organização do espaço e ainda uma organização pedagógica diferenciada com material especial poderiam contribuir de forma mais efetiva para a escola indígena. A fala de Kayapó remete ao erro retórico do governo, que libera recursos financeiros administrados por pessoas que estão muito distantes, no sentido de entendimento, das realidades dos povos que as escolas deveriam atender.

Em depoimento, Davi Guarani<sup>7</sup> reafirma a questão levantada por Edson Kayapó em relação aos motivos que levaram os povos indígenas a procurarem o ensino não indígena. Davi Guarani é uma das jovens lideranças indígenas da atualidade, seu povo Mbya Guarani habita a aldeia Guarani do Parque Estadual do Jaraguá, no estado de São Paulo. Na sua aldeia vivem em torno de 700 pessoas em barracões de zinco espremidos num espaço de 1,7 hectares. Davi faz um trabalho potente de conscientização junto ao seu povo, tornou-se professor da escola indígena e também luta em defesa de seu território.

Segundo Davi Guarani, a dificuldade para entender a linguagem - do governo, fez com que fosse necessária a busca dos indígenas pela formação superior, mestrado e doutorado. O povo Guarani, além de contar com a colaboração dos indígenas obtêm a formação científica nas universidades brasileiras, também conta com o guerreiro na linha de frente, com a força do

---

<sup>7</sup> Depoimento de Davi Guarani para o evento Mekukradjá realizado pelo Itaú Cultural em 2017.

sagrado do *Tiramoe* e a força coletiva do parentes que moram no contexto urbano como os Terena, os Kaingang, os Tupi Guarani, os Guarani e os Pankararus.

Outra questão levantada por Davi Guarani em seu depoimento no mesmo evento foi a grande carga de preconceito que ele sofreu ao frequentar uma escola pública brasileira que ficava fora de sua aldeia. Ele conta que foi expulso muitas vezes sem ter sido ele o criador da briga, levou pedradas, sofria racismo e era xingado, sofria todo tipo de bullying e diz que foi bem difícil conseguir terminar o ensino médio em meio a tantas provocações. Porém, ao frequentar essa escola durante o ensino regular ele pôde conhecer bem a língua portuguesa e receber uma formação que possibilitou sua entrada para a docência em 2007, quando retornou para sua aldeia, que, nessa época, - já tinha uma escola pública de educação básica. Para ele, é uma vitória muito grande ter uma escola regular na aldeia, pois isso permite que os alunos indígenas não precisem passar pela experiência negativa pela qual ele passou durante seus anos escolares. Davi, assim como Kayapó, destaca que a escola indígena deve ensinar tanto a cultura do *juruá*, homem branco, como a cultura tradicional da etnia indígena, para que a resistência da comunidade seja reafirmada através da sua cultura. Assim, Davi Guarani, como professor, - se preocupa em passar os conhecimentos de forma oral e acredita que as situações de racismo e preconceito -, pelas quais ele passou na escola pública fora de sua aldeia, devam ser relatadas e fazer parte da preparação para a vida indígena, ocorrendo um equilíbrio de saberes que vão contribuir na formação de futuros guerreiros para continuar a luta.

O relato de Davi Guarani traz a marca da triste realidade do racismo que atinge em cheio os indígenas quando vão ao encontro da sociedade não indígena. Outro ponto que chama a atenção é a dificuldade para se entender a movimentação das tramitações de leis e outras medidas no Congresso, criando, assim, a necessidade de que as pessoas, de um modo geral, indígenas e não indígenas, tenham um conhecimento mais específico da área de políticas públicas.

Segundo Davi Kopenawa<sup>8</sup>, a escola é muito importante para as crianças Yanomami, porque elas têm de aprender a escrever na sua própria língua para manter a língua Yanomami.

---

<sup>8</sup> Depoimento de Davi Kopenawa para o Seminário *Arte, Cultura e Educação na América Latina* do Itaú Cultural, gravado em março de 2018.

Sem a língua própria, o povo Yanomami fica fraco, e os brancos se aproveitam dessa vulnerabilidade. Aprender a escrever para os Yanomami significa segurança, na medida em que lhes assegura a manutenção de sua identidade cultural. Segundo Kopenawa, o homem da cidade quer acabar com suas línguas e criar uma única língua, o português, porém os Yanomami não podem esquecer a língua própria para continuar ensinando aos filhos e netos, e também têm de aprender matemática “para saber fazer as contas porque os homens da cidade são muito espertos” - utilizando as palavras do próprio Kopenawa. Ele explica, ainda, que as crianças têm a aula *Magna* que ocorre num grande terreiro, ou seja, não há uma edificação escolar, mas tem lugar para estudar. No espaço em que ocorre a aula *Magna*, as crianças correm, aprendem a flechar, a construir o arco e a flecha, a pintar, aprendem a fazer o adorno de cabeça cheio de penas e enfeites, aprendem a fazer *urucu* e a pintura corporal. Kopenawa termina o vídeo falando que, se o Governo e os pais deixarem, poderiam fazer grupinhos de crianças não indígenas da cidade para irem até as aldeias para que as crianças Yanomami as ensinem a conhecer a língua e a realidade do povo Yanomami. Porém completa:”- mas o governo não quer, o governo só quer olhar para a terra, para os indígenas o governo não quer olhar.”

Outra questão que permeia os povos indígenas é a evasão de saberes indígenas ancestrais que saem das comunidades e vão para outros países, sem que as etnias sejam beneficiadas de qualquer forma com isso. Fernanda Kaingang<sup>9</sup>, em seu depoimento, explica um pouco a questão dos conhecimentos ancestrais dos pajés e o interesse das empresas nesses conhecimentos. Fernanda Kaingang é da etnia Kaingang que habita o Rio Grande do Sul, seu povo é o terceiro maior do Brasil em quantidade de pessoas. Fernanda é militante indígena, advogada, mestre em direito público e é doutora em patrimônio cultural e propriedade intelectual pela Universidade de Leiden na Holanda. Ela é uma das defensoras das questões que envolvem o patrimônio material e imaterial dos povos indígenas. Já trabalhou na Fundação Nacional do Índio - FUNAI e atuou como assessora jurídica para organizações indígenas nas cinco regiões do Brasil. Fernanda conta que os anciãos do povo Kaingang são mestres de saber e cultura. Alguns deles, com 108 anos, conversam e contam longas histórias que, às vezes, parecem não fazer sentido,

---

<sup>9</sup> Depoimento de Fernanda Kaingáng para o evento Mekukradjá, realizado pelo Itaú Cultural em 2017.

mas, na verdade, têm uma profundidade, uma visão que vai muito além da terra indígena onde eles nasceram e viveram a vida inteira. Seu saber é transcendental, eles explicam fenômenos científicos sem usar a linguagem acadêmica. O saber ancestral desses mestres indígenas é, provavelmente, a razão pela qual as empresas estão dentro das terras indígenas – um saber com resultados comprovados economiza anos em pesquisa e milhões em investimento. Ainda que os pajés não consigam verbalizar seus saberes de forma científica, a observação empírica permite concluir a eficácia de seus conhecimentos. É, portanto, um saber com valor, que, enquanto serve a uma cultura específica, está protegido, mas, hoje, já pode ser considerado um patrimônio ameaçado. Assim, o povo Kaingang tem um desafio pela frente, que exige formação profissional altamente qualificada. Por essa razão, os intelectuais, os escritores e os cientistas indígenas são fundamentais para desenhar um projeto de futuro em que seja viável sustentar essa diversidade cultural.

## **4. República e extermínio**

### **A relação do Estado com as comunidades indígenas**

Desde os tempos coloniais, a questão do que fazer com a parte da população que sobreviveu aos trágicos primeiros encontros entre os dominadores europeus e os povos que viviam onde hoje chamamos, de maneira muito reduzida, de terras indígenas, levou a uma relação muito equivocada entre o Estado e essas comunidades. É claro que durante esses anos nós deixamos de ser colônia para construir o Estado brasileiro e entramos no século XXI, quando a maior parte das previsões apostava que as populações indígenas não sobreviveriam a ocupação do território, pelo menos não mantendo formas próprias de organização, capazes de gerir suas vidas. Isso porque a máquina estatal atua para desfazer as formas de organização das nossas sociedades, buscando uma integração entre essas populações e o conjunto da sociedade brasileira. (KRENAK, 2019, p. 39)

Segundo Krenak, as relações do Estado brasileiro com os povos indígenas são profundamente influenciadas por uma histórica relação de genocídio, de extermínio e uma expectativa hipócrita de que os sobreviventes seriam mantidos em reservas cercadas por

agronegócio, reservas sempre prestes a serem invadidas por garimpeiros, por fazendeiros, e descritas até por alguns presidentes da FUNAI como ‘não produtivas’, como contrárias aos interesses da sociedade brasileira. É uma relação de desigualdade, de segregação que penaliza os povos indígenas de uma maneira tão disfarçada que parece um benefício. Assim como o Brasil consegue ter, na visão de alguns, a experiência do racismo cordial, ele também consegue produzir um outro fenômeno que é o benefício racista, que ocorre quando, a pretexto de proteger alguém, de preservar algum direito, se opera a segregação e controle. O racismo se disfarça o tempo todo. Nesse sentido, podemos supor que as várias tentativas de enquadramento dos povos indígenas em qualquer padrão ocidental, seja ele religioso ou de comportamento, oferecido por várias frentes, foram apenas mais um tipo de violência sofrida por estes povos, que na verdade era uma camuflagem dos interesses de dominação para pilhagem de riquezas e sequestro de pessoas para mão de obra escrava.

Em depoimento, Krenak<sup>10</sup> relembra a atuação do grupo indígena *Aliança dos Povos da Floresta* para impedir algumas tentativas “civilizatórias” que buscaram uma integração entre as populações indígenas e o conjunto da sociedade brasileira.

Segundo Krenak, de acordo com o último estudo realizado, existem, nos dias atuais, de 20 a 30 grupos de pessoas que vivem em situação de isolamento na floresta, essas *constelações* de pessoas desejam voluntariamente continuar isoladas. Sobre esses povos isolados foram encontradas as seguintes informações, obtidas no site do ISA- Instituto Socioambiental, pesquisadas em julho de 2020,

A listagem da Funai (2017) é a principal fonte de informações para os registros da presença de povos indígenas isolados, contudo, outras fontes são utilizadas. Há décadas, o Instituto Socioambiental (ISA) realiza um monitoramento permanente dos registros de povos indígenas isolados. Em seu banco de dados, construído a partir de informações de uma ampla rede de colaboradores, existem sete registros de “informação” os quais não estão contemplados na listagem da Funai. (ISA, 2020)

São 115 registros de povos indígenas vivendo em isolamento, sendo 28 confirmados, outros 86 permanecem em investigação. Entre esses grupos dos quais se tem evidências, apenas um, os Avá-Canoeiro, encontra-se fora da Amazônia Legal. Dos Avá-Canoeiro fala-se que são quatro pessoas, em fuga

---

<sup>10</sup> Depoimento de Ailton Krenak para a série *Vozes da Floresta* que estreou em 14 de abril de 2020 no Youtube.

permanente, evitando o contato, pelo norte de Minas Gerais, Bahia e Goiás. Além desse pequeno grupo, outros indivíduos Avá-Canoeiro vivem na TI homônima e mais algumas pessoas desse grupo e seus descendentes vivem no Parque Indígena do Araguaia. (ISA, 2020)

Segundo Krenak, os indigenistas entre os quais os irmãos Villas Boas, eram considerados como “os heróis do sertão”. A história na qual eles desbravavam a floresta, agarravam o índio pelo pescoço e o traziam para a “civilização”, era na realidade uma violência colonial que ocorreu desde os tempos dos Bandeirantes. Essas expedições indigenistas estavam dentro do aparato do Estado, e eram chamadas de *Frentes de Atração e Contato*. No final da década de 80 e início da década de 90, a *Aliança dos Povos da Floresta*, da qual Krenak fazia parte, liderou uma luta pra pedir ao Estado brasileiro que não levasse a FUNAI para dentro da floresta para ter contato com esses povos isolados. Na realidade, o que era chamado de aproximação era efetivamente uma invasão na vida das famílias dentro de suas comunidades. Helicópteros repletos de pessoas chegavam a essa comunidades, fotografando e filmando as pessoas da aldeia, aplicando vacina e dizendo que agora eles eram brasileiros. Os povos indígenas não querem a continuidade deste tipo de invasão em suas vidas a pretexto de protegê-los, pois a floresta é a proteção que eles têm, é necessário que a demarcação das terras indígenas seja feita para que os povos continuem vivendo lá sem a intromissão dos que estão do lado de fora. Na década de 90, a *Aliança dos Povos da Floresta* fez uma campanha dentro do Brasil e também no Exterior para acabar com essas expedições intrusivas. Em 1989 o movimento *Aliança dos Povos da Floresta*, reunia povos indígenas e seringueiros em torno da proposta da criação das reservas extrativistas, visando a proteção da floresta e da população nativa que nela vive.

Na entrevista concedida ao jornalista Bob Fernandes<sup>11</sup>, Krenak diz que dentro do Brasil temos diferentes nações, porém no nosso constitucionalismo não cabe outra coisa senão a nação brasileira. Mas em outros países como Equador e Bolívia que também possuem nações diferentes, a pluralidade cultural é aceita e valorizada.

---

<sup>11</sup> Entrevista de Ailton Krenak concedida a Bob Fernandes para a TVE Bahia em 6 de fevereiro de 2020.

No depoimento de Krenak<sup>12</sup>, ele descreve algumas características do modo como os indígenas cuidam dos territórios que eles ocupam. O modo de uso coletivo do território, o modo de governança compartilhada desse território e o sistema de decisão, a corresponsabilidade acerca de todos os eventos que acontecem dentro desse território, é uma marca do modo de gestão territorial indígena. Quando se tenta introduzir nesse modelo de gestão o dinheiro e o negócio, o planejamento e a negociação doméstica são quebrados. No modo de vida indígena, não existe herança ou transmissão de bens, poupança, aposentadoria nem propriedade. Os grupos indígenas são um contínuo da memória que recebem de seus antepassados, e eles não querem mudar esse sistema. Para os indígenas, o sistema econômico dos brancos é predatório, excludente e racista. Os indígenas se entendem como sujeitos coletivos, o movimento indígena foi criado com a expressão coletiva. De acordo com Krenak, é difícil para alguém que nasceu fora do sistema de indigenato compreender como ele funciona. Segundo Krenak, uma boa parte da violência que incide sobre o povo indígena é causada pela não compreensão de seu modo de vida. Ele chega mesmo a dizer que, se as terras indígenas entrassem no sistema privado de terras, acabaria a guerra contra eles.

Segundo Galeano (1970, p. 46), no final da década de 70 não se salvavam nem sequer os indígenas que viviam isolados escondidos na selva. No princípio do século XX, ainda sobreviviam 230 tribos no Brasil. Desde então, desapareceram 90, apagadas do planeta por obra e graça das armas de fogo e dos micróbios: o contato com o homem branco, para o indígena, continua sendo o contato com a morte. As disposições legais que, desde 1537, protegem os indígenas do Brasil, voltaram-se contra eles. De acordo com os textos de todas as constituições brasileiras, são “os primitivos e naturais senhores” das terras que ocupam. Ocorre que, quanto mais ricas são essas terras virgens, mais grave se torna a ameaça que pende sobre suas vidas; a generosidade da natureza os condena à espoliação e ao crime advindos da colonização e posteriormente do capitalismo.

---

<sup>12</sup> Depoimento de Ailton Krenak para a série *Vozes da Floresta* que estreou em 14 de abril de 2020 no Youtube.

Segundo Galeano,

A caça aos índios foi desencadeada, nos últimos anos, com furiosa crueldade; a maior floresta do mundo, gigantesco espaço tropical aberto à lenda e à aventura, converteu-se, simultaneamente, no cenário de um novo sonho americano. Em ritmo de conquista, homens e empresas dos Estados Unidos avançaram sobre a Amazônia como se fosse um novo Far West. Essa invasão norte-americana incendiou como nunca a cobiça dos aventureiros brasileiros. Os índios morrem sem deixar rastro e as terras são vendidas em dólares aos novos interessados. O ouro e outros minerais de valor, a madeira e a borracha, riquezas cujo valor comercial os nativos ignoram, aparecem vinculadas aos resultados de cada uma das escassas investigações que se procederam. Sabe-se que os indígenas foram metralhados desde helicópteros e pequenos aviões, que lhes foi inoculado o vírus da varíola, que foi lançado dinamite sobre suas aldeias e que lhes foram presenteados açúcar misturado com estricnina e sal com arsênico. O próprio diretor do Serviço de Proteção aos Índios, designado pela ditadura de Castelo Branco para sanear a administração, foi acusado, com provas, de cometer 42 tipos diferentes de crimes contra os índios. O escândalo veio a público em 1968. (GALEANO, 2012, p. 46)

Além dos extermínios de indígenas citados por Galeano, causados pelos interesses econômicos em seus territórios de origem, existem relatos de etnocídios causados pelas construções das estradas do PIN - Plano de Integração Nacional anunciado pelo Governo Militar em 1970, cujo plano era a construção das estradas BR-230 Transamazônica, BR-174 Manaus-Boa Vista e BR-163 Cuiabá-Santarém. Algumas etnias quase dizimadas pelas doenças que pegaram do pessoal da construção das estradas, ainda entraram em alguns conflitos e foram indo para outros locais. Outras etnias desapareceram. Em décadas passadas, assim como na atualidade, a mídia mostra indígenas nas beiras das estradas fazendo manifestação, barricadas ou simplesmente acampados. Essas manifestações são motivadas pela perda de seus territórios, substituídos por autoestradas.

Krenak conta que, desde o início da história da República do Brasil, os indígenas perdem suas terras, são mortos, e os que sobrevivem reivindicam suas terras de volta. Segundo Krenak, os indígenas passam por isso há 500 anos, em um processo de extermínio ocultado pelos governos. A diferença, no que diz respeito ao atual governo, é que, nesse caso, o extermínio está verbalizado. Krenak se diz preocupado com o anúncio público do atual governo do estado brasileiro em acabar com as terras indígenas, mas ele diz que governos anteriores também atingiram de forma perene as comunidades indígenas brasileiras, e pontua as construções de

Belo Monte, de Tucuruí, da Transamazônica, de Brasília no Planalto Central, espantando o povo Karajá e o povo Xavante do cerrado. Krenak<sup>13</sup> finaliza uns dos blocos do seu depoimento dizendo: “ a marcha sobre os territórios indígenas é a edificação sobre cemitérios indígenas, é uma tristeza você imaginar uma nação construída em cima do cemitério da outra.”

Desde o Nordeste até o leste de Minas Gerais, onde fica o rio Doce e a reserva indígena das famílias Krenak, e também na Amazônia, na fronteira do Brasil com o Peru e a Bolívia, no Alto Rio Negro, em todos esses lugares as nossas famílias estão passando por um momento de tensão nas relações políticas entre o Estado brasileiro e as sociedades indígenas. (KRENAK, 2019,p.37)

Essa tensão não é de agora, mas se agravou com as recentes mudanças políticas introduzidas na vida do povo brasileiro, que estão atingindo de forma intensa centenas de comunidades indígenas que nas últimas décadas vem insistindo para que o governo cumpra seu dever constitucional de assegurar os direitos desses grupos nos seus locais de origem, identificados no arranjo jurídico do país como terras indígenas. (KRENAK, 2019, p. 37)

Os Direitos indígenas que deveriam ser assegurados pela Constituição são transpassados por inúmeras artimanhas de grupos políticos que se alternam nos governos do Estado. É bastante impressionante a quantidade de MPs- medidas provisórias, PECs e outras tentativas de burlar os Direitos dos indígenas aos seus territórios. Em pesquisa realizada no site do Congresso Nacional, percebeu-se a necessidade de estudo especializado para melhor entendimento de todas as tramitações pelas quais passam essas medidas que, em alguns casos, são consideradas inconstitucionais.

A demarcação de terras indígenas, que garantiria a permanência das comunidades indígenas em seus lugares de origem, é um assunto que se estende por décadas e que o Estado não resolve.

O dilema político que ficou para as nossas comunidades que sobreviveram ao século XX é ainda hoje precisar disputar os últimos redutos onde a natureza é próspera, onde podemos suprir as nossas necessidades alimentares e de moradia, e onde sobrevivem os modos que cada uma dessas pequenas sociedades tem que se manter no tempo, dando conta de si mesmas sem criar uma dependência excessiva do Estado. (KRENAK, 2019, p. 40)

---

<sup>13</sup> Depoimento de Ailton Krenak para a série *Vozes da Floresta*, que estreou em 14 de abril de 2020 no Youtube.

O avanço de fazendas e empresas que vão adentrando os limites de terras é verificado também em outros países que ainda possuem povos autóctones. Povos originários na África também passam pela mesma situação que os povos indígenas brasileiros, os quais perderam seus territórios de origem e se encontram confinados em uma parte de terra que o Estado definiu. Essa parte de terra nem sempre atende às suas necessidades de sobrevivência de maneira natural. Um exemplo desse tipo de questão foi o ocorrido com o povo da etnia Maasai na África. O povo Maasai é nômade ou seminômade, e transitava pelo norte da Tanzânia e sul do Quênia, mas nos dias atuais encontra-se espremido entre parques demarcados de propriedade de empresas de energias geotermiais que exploram a região.

É bastante preocupante a falta de representação política dos povos indígenas junto ao Estado brasileiro. Na entrevista a Bob Fernandes<sup>14</sup>, Krenak menciona que não há espaço para os indígenas nas esferas do Estado. Não existe representação política dos povos indígenas no Estado, assim como não existe interesse que os mesmos sejam ouvidos ou mesmo tenham participação em decisões relacionadas a seus próprios interesses. Krenak diz que, diferentemente de sua participação na Constituinte da década de 80, quando lhe foi possível falar para a Câmara de Deputados, nos dias atuais não há ninguém que queira ouvi-los. O desdém com o qual o Estado vem tratando os povos indígenas já vem de décadas, as conquistas advindas dos artigos incluídos na Constituição de 1988 lhes garantiram alguns direitos, porém, não impediram que eles continuassem sofrendo muitas violações e violências. Krenak pontua que as violências Constitucionais sofridas continuam ocorrendo desde sempre, não importando o partido político que esteja no governo de Estado, sendo que no atual Governo o desdém pelas causas indígenas, a falta de respeito com seus direitos e as ameaças a seus territórios foram colocados de forma aberta. Pela falta de apoio do governo brasileiro, alguns líderes indígenas saem do país para falar sobre a situação de seu povo junto aos países europeus, porém é de se pensar qual o interesse dos países colonizadores em ajudar ou fazer qualquer tipo de pressão em favor dos povos indígenas do Brasil.

---

<sup>14</sup> Entrevista de Ailton Krenak a Bob Fernandes para TVE Bahia em 6 de fevereiro de 2020.

Os entrevistadores da revista Cult<sup>15</sup> perguntaram a Krenak se ele ainda tem a mesma opinião sobre o ano de 2015 ser o pior momento para os indígenas no Brasil. Krenak responde,

Ali a gente vivia o enunciado do pior momento, com aquela tentativa de desmanchar o reconhecimento territorial indígena ocorrendo no campo do Legislativo, das negociações políticas. De 2018 para 2019 entramos numa terra sem lei. Então é pior numa terra sem lei. Antes tinha lei. Antes eles tinham que fazer uma medida provisória, tentar fazer uma emenda na Constituição, mas agora não precisam de mais nada disso. Simplesmente botam fogo na Amazônia, param de demarcar terras, extinguem a Funai, acabam com o ICMBio. É uma descarga de arrasar. E 2015 foi um prenúncio disso. (KRENAK, 2019)

Segundo informações do site do Instituto Socioambiental, no final de outubro de 2015 ocorreu a aprovação da PEC 215 e outras propostas que conferem ao parlamento a atribuição de dar a última palavra sobre os limites de Terras Indígenas (TIs), Unidades de Conservação e quilombos, além de permitir empreendimentos econômicos dentro de TIs. Na prática, se aprovada pelo Congresso, a PEC deverá paralisar de vez a oficialização dessas áreas protegidas ao submetê-la às disputas internas do Legislativo.

Em 28 de outubro de 2015 o site da Funai publicou que,

A Fundação Nacional do Índio - Funai vem a público manifestar sua irrestrita oposição à PEC 215/00, que tramita no Congresso Nacional. Tal proposta representa uma grave ameaça não apenas aos direitos indígenas, mas a toda sociedade, uma vez que é inconstitucional por vários aspectos.(FUNAI, 2015)

A PEC 215/00 propõe a transferência de responsabilidades sobre a demarcação de terras indígenas do Poder Executivo para o Legislativo, desrespeitando a Constituição de 1988, cujos direitos ali expressos representam uma conquista de todo povo brasileiro. Na prática, essa transferência significa que a definição sobre as terras onde os indígenas poderão exercer seu direito à permanência física e cultural está sujeita às majorias políticas de ocasião. Sabemos que hoje esta maioria representa interesses pessoais e financeiros e atua para que não seja demarcada nenhuma terra indígena, como foi dito explicitamente por parlamentares membros da Comissão Especial, que ontem aprovou a PEC 215/00.(FUNAI, 2015)

---

<sup>15</sup> Entrevista a Ailton Krenak realizada por Bruno Weis e Amanda Massuela para a revista eletrônica Cult em novembro de 2019.

A PEC 215 deslocaria a responsabilidade de entregar os títulos de terra aos quilombolas, reconhecer reivindicações indígenas a terras ancestrais e criar novas áreas protegidas, do Poder Executivo para o Congresso. Com o Congresso dominado pela bancada ruralista e o agronegócio, a PEC 215 ameaça as florestas brasileiras, bem como as comunidades indígenas e tradicionais. Em 2015, ocorreram muitos protestos de grupos indígenas de várias etnias em Brasília e em outras localidades contra a aprovação da PEC 215. Segundo estudo do Instituto Socioambiental publicado no próprio site em 16 de setembro de 2015, a transferência da competência de demarcar Terras Indígenas do Executivo para o Legislativo, principal objetivo da PEC, impactaria diretamente os processos de demarcação de 228 TIs que ainda não foram homologados, os quais devem ser paralisados. Essas terras representam uma área de 7.807.539 hectares, com uma população de 107.203 indígenas. Devem ser afetadas ainda 144 TIs cujos processos de demarcação estão sendo questionados judicialmente e 35 em processo de revisão de limites. Outro aspecto relevante é a abertura das TIs para empreendimentos de alto impacto socioambiental, como estradas e hidrelétricas – o que é proibido na atualidade e pode afetar todas as 698 TIs do país. Em 29 de outubro de 2015 foi publicado no site do Governo Federal que,

A secretaria de Governo da Presidência da República e o Ministério da Justiça entendem que aprovação do texto da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 215/2000 em Comissão Especial, na última terça-feira (27), ofende o princípio da separação dos poderes e não se alinha com o direito originário consagrado na constituição acerca das terras tradicionalmente ocupadas pelos povos indígenas, na conformidade do já reconhecido pelo Supremo Tribunal Federal (STF).

A notícia apresentada foi a última encontrada em relação a situação da PEC 215 no site do Governo Federal, o que leva a supor que a proposta de emenda à Constituição é de veras polêmica e ainda não teve seu destino selado.

Segundo informações do site do Governo Federal, em 2019, a Presidência da República, na pasta da “organização da Presidência e dos Ministérios”, cria a MP 886/2019, que altera a Lei nº 13.844, de 18 junho de 2019. Entre outras alterações “Insere, nas competências do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), a delimitação, demarcação e

titulação de terras indígenas”. Esta transferência de competências de demarcação de terras indígenas da Fundação Nacional do Índio (Funai) justamente para o Ministério da Agricultura parece novamente um duro golpe nos direitos indígenas, que vão de encontro aos interesses do Agronegócio. Em 1 de agosto de 2019, por unanimidade, o Supremo Tribunal Federal (STF) manteve a suspensão dos dispositivos da Medida Provisória (MP) 886/2019. (BRASIL, 2019)

### **O surgimento da militância indígena**

As informações a seguir foram pinçadas da entrevista concedida por Krenak<sup>16</sup> à série *Vozes da Floresta*. Atualmente, Krenak mora na região do médio Rio Doce, um lugar cuja ecologia se encontra profundamente afetada pela atividade de extração de minérios e sofreu com o grande desastre ecológico brasileiro causado pela Samarco, empresa do conglomerado da Vale do Rio Doce. A história dessa região é a história do extermínio dos Botocudos. O nome Botocudos foi dado a este povo pelos homens brancos devido ao acessório, o botoque, que eles usavam para alargar o lábio inferior e as orelhas. Os Krenak são uma família desse povo que era chamado de Botocudos, mas quando Krenak nasceu, na década de 50, seu povo já era considerado extinto, porque todo o seu território já tinha sido ocupado por fazendeiros. Os sobreviventes foram os que fugiram do Rio Doce e foram se esconder em São Paulo, Mato Grosso, Goiás, Espírito Santo e Minas Gerais. Foi nesse contexto que Ailton nasceu, e ficou fugindo de um local para outro junto com seu pai até a adolescência. Em 1979, quando completou dezessete anos, queria saber onde estavam os outros povos, como os Kauas do Mato Grosso ou os Guaranis. Na mesma época, ecoavam notícias de que líderes indígenas estavam sendo assassinados dentro de suas comunidades por pistoleiros que estavam iniciando o ciclo que se desdobrou depois no atual Agronegócio. Naquela época, final dos anos 70, alguns poucos indígenas levantaram as cabeças, o que era uma raridade, pois não havia personalidades indígenas se manifestando até então, não havia nenhuma mobilização. Assim, com os assassinatos de indígenas se espalhando pelo país, Krenak começou, junto com alguns

---

<sup>16</sup> Depoimento de Ailton Krenak para a série *Vozes da Floresta*, que estreou em 14 de abril de 2020 no Youtube.

indígenas de sua geração, a observar alguns movimentos não necessariamente articulados com a causa indígena. O grupo de Krenak buscava referências variadas como: a atuação do líder indígena Mário Juruna, que se elegeu como deputado pelo Rio de Janeiro, a pastoral indigenista na Igreja Católica, que, naquele tempo era muito importante e ativa, o sindicato de trabalhadores, o movimento rural, que ainda não era MST surgido no final da década de 80. Assim nesse caldo de cultura da época, Krenak se destacou numa militância pelos direitos indígenas, e foi se envolvendo cada vez mais com a agenda de território, cultura, educação, saúde, e tudo o mais relacionado com a vida indígena.

Em 1984, as atividades de mobilização indígena se iniciaram com o nascimento da *União das Nações Indígenas*, uma organização tipicamente indígena que não era pastoral e nem sindicato, mas sim um tipo de grande Conselho com líderes indígenas discutindo seus problemas sem nenhuma institucionalidade, e, ao mesmo tempo, descobrindo uns aos outros. Essa *União das Nações Indígenas* se constituiu de povos indígenas Xavantes, Ianomâmis, Krenaks, Pataxós, Carajás, Guaranis, Terenas, Kaingangs, Xucurus, Kariris. Esses povos, vindos do Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco e Goiás, durante uns dez anos se tornaram uma ação educativa nas aldeias, levantando discussões sobre território, cultura, identidade, visão de mundo e cosmovisões, que engendraram a Constituição de 1988, da qual Krenak participou como representante do movimento indígena.

O antropólogo Eduardo Viveiros de Castro escreveu que a geração de Krenak descobriu que podia reivindicar um lugar dentro da vida brasileira como indígenas, não integrados ao pacote civilizatório, mas reivindicando identidade. Krenak concorda com Viveiros de Castro, e diz que houve uma descoberta do Brasil pelos brancos em 1500, e depois uma descoberta do Brasil pelos indígenas na década de 1970 e 1980, e a que está valendo é a última. Os indígenas descobriram que, apesar de serem, simbolicamente, os donos do Brasil, eles não têm lugar nenhum para viver neste país e terão de fazer esse lugar existir, expressando sua visão de mundo, sua potência como seres humanos, sua pluralidade, sua vontade de ser e viver.

## 5. Meio ambiente

### A crise ambiental global e o mito da sustentabilidade

Para Krenak a maneira de viver capitalista criou um mundo artificial que impõe um distanciamento do mundo natural.

Enquanto a humanidade está se distanciando do seu lugar um monte de corporações espertalhonas vai tomando conta da Terra. Nós, a humanidade, vamos viver em ambientes artificiais produzidos pelas mesmas corporações que devoram florestas, montanhas e rios. Eles inventam kits super interessantes para nos manter nesse local, alienados de tudo, e se possível tomando muito remédio. (KRENAK, 2019, p. 19)

Segundo Krenak, os donos do dinheiro do planeta espalham shoppings em todos os lugares e também o mesmo modelo de progresso, o qual somos incentivados a entender como o bem-estar social no mundo todo. Para Krenak, esse bem-estar social é a maneira pela qual os humanos não indígenas são levados a entender o modo de vida moderno, baseado na cultura do consumo, em que o *ter* tomou o lugar do *ser*, e num modelo de vida encontrado nas metrópoles, que segundo o autor, são reproduções umas das outras.

Precisamos ser críticos a essa ideia plasmada de humanidade homogênea na qual há muito tempo o consumo tomou o lugar daquilo que antes era cidadania. [...] Para que ter cidadania, alteridade, estar no mundo de uma maneira crítica e consciente, se você pode ser um consumidor? Esta ideia dispensa a experiência de viver numa terra cheia de sentido, numa plataforma para diferentes Cosmovisões. (KRENAK, 2019, p. 24)

Ao viverem nessa espécie de redoma urbana, os não indígenas entendem a artificialidade dessa vida como sendo a vida normal e, dessa maneira, a humanidade vai sendo deslocada de uma forma absoluta desse organismo que é a Terra. As formas de viver nas zonas urbanas de muitas cidades ilustram bem a narrativa de Krenak, pois os espaços foram tomados por concreto, a vegetação que ainda resiste é cada vez mais derrubada em nome de novas edificações, os lugares de contato com a natureza se resumem a parques limitados por muros e cercas.

Quando a gente quis criar uma reserva da biosfera em uma região do Brasil, foi preciso justificar para a UNESCO por que era importante que o planeta não fosse devorado pela mineração. Para essa instituição, é como se bastasse manter apenas alguns lugares como amostra grátis da Terra. Se sobrevivemos, vamos brigar pelos pedaços de planeta que a gente não comeu, e os nossos netos ou tataranetos - vão poder passear para ver como era a Terra no passado. (KRENAK, 2019, p. 12)

No entendimento de Krenak, os únicos núcleos que ainda consideram que precisam ficar agarrados à terra são aqueles que possuem uma humanidade mais orgânica e ficaram meio esquecidos pelas *bordas do planeta*, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia, ou na América Latina, são os caiçaras, os indígenas, os quilombolas, aborígenes, a chamada sub-humanidade. Enquanto os não indígenas estão nas cidades urbanas tentando viver suas próprias vidas de formas individualizadas, as áreas naturais que ainda não são propriedades privadas estão sendo atacadas de todos os lados e contam apenas com a proteção desses povos que vivem agarrados à terra. É a invasão das terras pelas *corporações espertalhonas*, e outros invasores como garimpeiros, agronegócio e grileiros.

É difícil para os não indígenas entenderem a relação que os povos indígenas têm com a natureza, a maneira com que os povos indígenas entendem as montanhas, rios, pedras, plantas e animais como partes de suas famílias, como entes queridos. O modo de vida indígena longe do capital e dos modos de produção industrial sempre causaram desprezo e estranheza na classe dominante. Segundo Krenak, a organicidade dos povos indígenas sempre incomodou às corporações que têm criado cada vez mais mecanismos para separá-los da sua *mãe* terra.

Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista. Do nosso divórcio das integrações e interações com a nossa mãe, a Terra, resulta que ela está nos deixando órfãos, não só aos que em diferente graduação são chamados de índios, indígenas ou povos indígenas, mas a todos. (KRENAK, 2019, p. 49)

A falta de cuidado com o mundo natural chegou a um ponto no qual os homens brancos começaram a se preocupar, porém, as ações de recuperação do planeta engendradas pelos governos não acompanham o mesmo ritmo da sua devastação. Para Krenak, a sustentabilidade é

um mito inventado pelas corporações para justificar o assalto que fazem à nossa ideia de natureza.

Em entrevista, Krenak<sup>17</sup> fala sobre o mito da sustentabilidade. Ele diz que, atualmente, é muito comum as empresas de grande porte fazerem relatórios de sustentabilidade, principalmente se forem, claramente, usuárias, ou seja, uma transformadora de matéria-prima visível em alguma coisa que vira mercadoria. Assim, as empresas fazem uma propaganda que as retrata como sustentáveis, buscando passar a mensagem de que não houve prejuízo ao meio ambiente para que o produto anunciado fosse criado. Na verdade, isso não é possível, pois sempre haverá necessidade de matéria-prima para que se produzam bens de consumo. Anuncia-se uma mágica impossível, portanto.

Durante muito tempo, fomos nos alienando do organismo Terra do qual fazemos parte, ao ponto de pensarmos que ela é uma coisa e nós, outra. Existe uma espécie de ilusão que é passada para a população de modo geral que simplifica e minimiza os estragos feitos na natureza por mineradoras, agronegócio e grandes indústrias de produção de bens de consumo, diz Krenak.

As perguntas e respostas a seguir foram transcritas da entrevista concedida por Ailton Krenak ao jornalista Bob Fernandes<sup>18</sup>. A grafia utilizada na entrevista foi mantida.

Bob Fernandes pergunta: “ - Quando você nasceu nós éramos na terra 3 bilhões de seres humanos , hoje somos 8 bilhões com 70% da população às margens, há como a Terra suportar isso?”

Krenak responde: “- O Mahatma Gandhi respondeu uma pergunta parecida com essa quando provavelmente éramos esses 3 bilhões, o que já era assustador na época, o jornalista que era inglês perguntou pra Gandhi se ele acreditava que a Terra tinha capacidade de suprir a tanta demanda, e ele respondeu que sim, a Terra tem a capacidade de suprir todas as nossas necessidades , mas só as nossas necessidades. Se você quiser ter a casa na praia , uma lancha, um carro, um apartamento aí não dá. Essa resposta do Mahatma Gandhi que eu estou simplificando ela é de uma potência porque o que ele está dizendo é o seguinte, se nós tivemos a

---

<sup>17</sup> Entrevista concedida por Ailton Krenak ao programa *Sempre um Papo*, em 14 de agosto de 2015.

<sup>18</sup> Entrevista de Bob Fernandes a Ailton Krenak para TVE Bahia em 6 de fevereiro de 2020.

possibilidade de nos constituir aqui neste mundo como essa espécie, os humanos, a Terra proporcionou as condições para isso, ela tem como suprir a nossa existência aqui, assim como a de todos os outros seres não humanos.”

Desde o início da Revolução Industrial e Energética, o crescimento da produção e do consumo virou a utopia mais desejada e a riqueza das nações tornou-se a meta central para se alcançar a felicidade geral. A receita do crescimento econômico contínuo e sustentado virou uma fórmula mágica para a solução de todos os problemas sociais, já que a maioria dos economistas e políticos acredita que o aumento quantitativo da produção e do consumo é uma condição necessária para viabilizar o processo de erradicação da pobreza e facilitar o combate às desigualdades sociais. (ALVES, 2019, p. 3)

De fato, esta “filosofia econômica” esteve por trás do enorme progresso no padrão de vida da humanidade nos últimos 250 anos, como mostram Rosling, Rosling e Ronnlund (2018), no livro *Factfulness*. A renda média mundial aumentou, a pobreza foi reduzida substancialmente, cresceu a posse de bens e serviços com diversificação da cesta de consumo, expandiu-se o acesso ao ensino, à saúde e à moradia, houve grande redução da mortalidade infantil e aumento da esperança de vida, dentre outras conquistas. (ALVES, 2019, p. 4)

De acordo com Alves, se o crescimento econômico trouxe muitos benefícios no passado, não quer dizer que trará os mesmos benefícios no futuro, nem é certo que ele possa se manter em ritmo contínuo. A noção de recursos ilimitados, de modo que, se os recursos de um determinado local se esgotarem, pode-se simplesmente encontrar outro lugar e continuar explorando, não é consistente com a realidade ambiental, pois não existe planeta B. A partir de uma determinada escala da economia, os ciclos naturais não podem produzir recursos ou absorver resíduos de forma renovável e sustentável. Esse tipo de análise deu origem à economia ecológica, que é um campo de estudo transdisciplinar que enxerga a economia como um subsistema de um ecossistema global maior e finito. Nessa economia, o rendimento global precisa ser minimizado em vez de maximizado.

Portanto, para que haja sustentabilidade ambiental, o desenvolvimento não pode degradar as condições ambientais e o equilíbrio climático que são a base ecológica para a continuidade da geração de riqueza ao longo do tempo, para as atuais e as futuras gerações. Contudo, não é isso que vem ocorrendo no mundo. Todos os avanços civilizatórios e o progresso humano, relatados por Rosling, Rosling e Ronnlund (2018), foram realizados às custas do empobrecimento do meio ambiente. Existem muitos indicadores que mostram a marcha

insustentável do crescimento demo-econômico mundial e apontam para a ultrapassagem dos limites da resiliência do planeta. (ALVES, 2019, p. 5)

Quando Alves fala sobre a marcha insustentável do crescimento demo-econômico, ele está se referindo ao consumo desnecessário e ao crescimento da população. Dessa maneira, o crescimento da população mundial gera maior consumo tanto de alimentos quanto de mercadorias. O aumento do consumo de alimentos alavanca o agronegócio, e o aumento do consumo de mercadorias alavanca todo o sistema de produção que utiliza as matérias-primas da natureza.

O relatório Resource efficiency: potential and economic implications (UNEP, 2017) mostra que, mantidas as tendências recentes, a população mundial deverá crescer 28%, com a utilização de 71% mais recursos per capita até 2050. Sem medidas urgentes para aumentar a eficiência, o uso global de metais, biomassa e minerais aumentará de 85 para 186 bilhões de toneladas por ano até 2050. Sem dúvida, o ritmo e o volume de exploração do meio ambiente não são sustentáveis. (ALVES, 2019, p. 8)

De acordo com Krenak, hoje estamos vivendo o desastre do nosso tempo, ao qual algumas pessoas seletas chamam de Antropoceno, porém, a grande maioria chama de caos social, desgoverno geral, perda da qualidade no cotidiano e nas relações. Para Krenak, o Antropoceno tem um sentido incisivo sobre a nossa existência, a nossa experiência comum, a ideia do que é humano e o nosso apego a uma ideia fixa de paisagem da Terra e da humanidade.

Existe muita coisa que se aproxima mais daquilo que pretendemos ver do que se poderia constatar se juntássemos as duas imagens: a que voce pensa e a que voce tem. Se já houve outras configurações da Terra, inclusive sem a gente aqui, por que é que nos apegamos tanto a esse retrato com a gente aqui? (KRENAK, 2019, p. 58)

De acordo com Alves, o crescimento demográfico mundial é responsável pela *pegada ecológica* pesada que tem sido deixada no planeta, mas é o aquecimento global que constitui a maior ameaça à vida na Terra.

Segundo Alves,

As crescentes emissões de gases de efeito estufa provocadas pela queima de combustíveis fósseis, pelo desmatamento e difusão de queimadas e pelo avanço da agricultura e da pecuária fizeram a concentração de CO<sub>2</sub> – que estava abaixo

de 280 partes por milhão (ppm) durante a maior parte do Holoceno – ultrapassar a barreira de 400 ppm em 2015 e chegar a 414,6 ppm em maio de 2019. Quanto maior a concentração de gases de efeito estufa, maior é a temperatura média do planeta. (ALVES, 2019, p. 6)

Segundo artigo de Andreas Malm para o site da UNESCO, culpar a massa anônima de bilhões de seres humanos como os causadores da mudança climática no planeta é uma falácia, já que, na realidade, é um segmento muito limitado da espécie humana que controla os meios de produção e toma as decisões mais importantes sobre o uso da energia gerada por combustíveis fósseis. De acordo com Malm, o processo é conhecido como acúmulo de capital e segue de forma implacável, com o objetivo de expandir ainda mais as riquezas daquele segmento, sem considerar os alarmes cada vez mais desesperados da ciência do clima. Dito isso, os bilhões de seres humanos nunca viveram no que se denomina Antropoceno, e suas ações não podem ser culpadas por causar danos ao planeta. Eles sofrem os golpes de uma era rotulada de forma mais apropriada como Capitaloceno.

O Capitaloceno defendido por Malm exime os bilhões de seres humanos da culpa pelas mudanças climáticas mundiais. Nesse artigo, ele está se referindo aos habitantes de Dominica, um Estado insular que foi devastado por furacões. Na opinião de Malm, os habitantes de Dominica não poderiam estar na era do Antropoceno, pois não foram eles que causaram as mudanças no clima que vieram a provocar os furacões. Certamente que as mudanças climáticas não foram causadas pelos habitantes da ilha de Dominica, e sim pelo grande sistema de produção capitalista e sua exploração insustentável do planeta.

De acordo com Alves,

A Global Footprint Network (2019) fornece uma metodologia para avaliar a sustentabilidade ambiental. A Pegada Ecológica considera a demanda humana por recursos naturais, contabilizando o tamanho das áreas produtivas de terra e mar necessário para gerar produtos, bens e serviços utilizados pelos seres humanos. A biocapacidade avalia o montante de terras e águas para prover os bens e serviços, sendo equivalente à capacidade regenerativa da natureza. O mundo tinha superávit ambiental em 1961, com uma biocapacidade global de 9,6 bilhões de hectares globais (gha) e uma pegada ecológica global de 7,1 bilhões de gha. Em 1970 houve empate e, a partir de 1971, a pegada ecológica global passou a superar crescentemente a biocapacidade global. Em 2016, o déficit ambiental do mundo era de 70%, pois havia uma pegada ecológica global de 20,5 bilhões de gha para um biocapacidade global de 12,2 bilhões de

gha. Ou seja, as atividades antrópicas da humanidade já consumiam 1,7 planeta em 2016, mostrando a insustentabilidade do modelo de produção e consumo mundial, que já era ecologicamente deficitário desde 1971, mas que amplia o déficit a cada novo dia. (ALVES, 2019, p. 5)

É como um ciclo vicioso: mais pessoas nascem, mais necessidade de produção de alimentos, mais pessoas são expostas aos bens de consumo e os consomem, mais produtos são produzidos, mais a natureza se exaure, ainda entram aí os avanços da medicina, que aumentaram a expectativa de vida. Porém nessa conta apresentada por Alves não entram aquela parte da humanidade que vive pelas *bordas do planeta* da qual fala Krenak.

De acordo com o estudo apresentado por Alves, nota-se a insustentabilidade do modelo hegemônico de desenvolvimento.

O crescimento das áreas ecúmenas e a degradação dos ecossistemas estão provocando a 6ª extinção em massa das espécies (KOLBERT, 2015). O relatório Planeta vivo – 2018, divulgado pelo Fundo Mundial para a Natureza (WWF, 2018), mostra que o avanço da produção e consumo da humanidade tem gerado uma aniquilação da vida selvagem, pois as populações de vertebrados silvestres, como mamíferos, pássaros, peixes, répteis e anfíbios, sofreram uma redução de 60% entre 1970 e 2014. (ALVES, 2019, p. 6)

De acordo com Alves, a Plataforma Intergovernamental para Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos da ONU confirma que há 1 milhão de espécies ameaçadas de extinção, o holocausto biológico representa um ecocídio de grande proporção, que pode reverberar na forma de um suicídio para a espécie humana.

Aqui no Brasil não é diferente, a nossa grande floresta Amazônica com suas riquezas ocultas e com a maior biodiversidade do planeta, desperta muita cobiça tanto do empresariado nacional como do internacional, já mencionado anteriormente neste trabalho, ainda com um poder de Estado que nunca foi efetivo no combate a essa exploração.

Segundo Alves,

a economia mundial não tem seguido os ditames do desenvolvimento sustentável [...]. O direito ao desenvolvimento, no contexto da soberania nacional, tem sido usado pelos defensores do nacionalismo e do desenvolvimentismo para, por exemplo, justificar a destruição da Amazônia. (ALVES, 2019, p. 9)

No entendimento de Krenak, quando nos afastamos da natureza no sentido de não nos conectarmos realmente a ela, estamos deixando o caminho livre para sua exploração. Percebe-se que a maneira artificial de vida que vem sendo construída principalmente nos grandes centros urbanos, nos afasta cada vez mais das formas naturais de existência, ou até dos contatos mais próximos com a natureza. Em vários locais, até o turismo demanda a criação de uma imensa infraestrutura, que acaba fazendo com que o contato das pessoas com a natureza seja mais artificial também.

### **Ecologia do Desastre e Economia do Desastre**

Em entrevista Krenak<sup>19</sup> fala sobre o rio Doce:

No livro, falei de uma inquietação que eu e o meu povo sentimos, porque nós estamos vendo a terra fugir debaixo dos nossos pés. O Watu, nosso rio, esse que no mapa aparece com o nome de rio Doce, foi massacrado ao longo de aproximadamente 200 anos até ser posto em coma. Nós cantamos para o nosso rio, continuamos conversando com ele – e ele, em sua cumplicidade com a gente, entra nos nossos sonhos e vem nos curar enquanto velamos o seu corpo, enlameado. E os engenheiros, os brancos, ainda insistem nessa conversa fiada de que vão bombardear o rio com remédio pra ele sarar. Isso é mentira. Eles não sabem fazer isso. A única potência capaz de restaurar o rio Doce é a Terra, mas ela tem que estar com saúde. Se estiver doente, o rio não vai se recuperar. Se continuarem agredindo o rio, ele vai refletir a nossa agressão. É isso que o Watu ensina aos filhos deles nos sonhos. O branco chegou e começou a tirar a floresta, deixou o rio nu, exposto a essa circulação humana em volta dele com estradas de ferro, barragens, com toda essa agressão. O rio tem um corpo igual ao meu e o seu. (KRENAK, 2019)

As áreas do território brasileiro habitadas pelos povos indígenas se mantêm com matas nativas preservadas e com seus biomas. Os povos indígenas moram nas florestas, tendo uma conexão simbiótica com a fauna e a flora. Como moradores das florestas, eles conhecem bem seu manejo e cuidam para que a mesma se mantenha produtiva. No manejo da floresta, eles têm a atenção de só extrair dela o que seja necessário ao sustento da comunidade, sempre com a preocupação de não exauri-la. No modo de vida indígena, não se fazem estoques, nem de

---

<sup>19</sup> Entrevista da revista Cult a Ailton Krenak realizada por Bruno Weis e Amanda Massuela, em novembro de 2019.

alimentos, nem de água, nem de energia e nem de nada. A invasão de territórios indígenas pelas fazendas do agronegócio, pelas fazendas de pecuária, pelas hordas de garimpeiros, pelas motosserras, pelas empresas mineradoras e outros, faz com que o sistema de proteção ambiental proporcionado pelos povos indígenas seja ferido de maneira muitas vezes irreversível, diz Krenak<sup>20</sup> em entrevista.

O fato de as comunidades indígenas morarem junto à natureza não garante que as áreas estejam salvas, como foi o caso do desastre ambiental de lama tóxica causada pela empresa Vale S.A. em 2015, que atingiu várias comunidades que habitavam a bacia do Rio Doce, onde também habita a comunidade Krenak. O maior desastre ambiental na área de mineração do mundo aconteceu no município de Mariana, Minas Gerais, em 5 de novembro de 2015. Os responsáveis foram a empresa Samarco, controlada pela Vale, em sociedade com a anglo-australiana BHP Billiton. A barragem que se rompeu provocou uma enxurrada de lama tóxica, que dizimou o distrito de Bento Rodrigues e deixou 19 mortos, além de devastar a bacia hidrográfica do Rio Doce, matar a vida aquática e acabar com o turismo e subsistência de milhares de pessoas.

Segundo Krenak, a situação das comunidades que vivem às margens do rio Doce, inclusive a sua, que habita no médio rio Doce, é de extrema complexidade após o acidente com a barragem da Vale S.A.. Para Krenak, o acidente não tem como ser reparado, pois não é possível fazer um cálculo em valor monetário para um bem que possui a dimensão simbólica e imaterial como o rio Doce para a comunidade indígena Krenak. A situação de destruição dos ambientes naturais está dentro de um sistema de mercadoria que Krenak chama de *Economia do desastre*, seguido da *Ecologia do desastre*.

A *Economia do desastre* é um grande negócio, destrói um lugar do mundo e chama as empreiteiras para reconstruir, ativando, assim, o grande comércio de ferro, cimento, retroescavadeira, etc. Essa economia ainda recebe o incremento de outros bens de consumo, como alimentação, água potável e outros, pois, devido ao desastre, os moradores da região não

---

<sup>20</sup> Evento *Espiral dos Afetos* realizado no Centro de Artes da UFF - Universidade Federal Fluminense em 4 de novembro de 2019.

conseguem mais beber a água nem extrair seus alimentos da natureza, ficando o abastecimento por conta de caminhões-pipa, cestas básicas e água engarrafada. Em outro contorno, também se opera a *Ecologia do desastre*, em que as pessoas que antes iam para o rio nadar e pescar, se adaptam a uma nova realidade, refugiados dentro do seu próprio território.

Para Krenak, discutir um valor monetário a ser pago pela Vale é tentar valorar a indenização de danos. Eles colocaram um rio em coma, os animais precisavam desse rio, as pessoas usavam o rio de maneira utilitária e ritualística, portanto, não há como atribuir um valor monetário a essa perda. É por essa razão que o povo nativo do local não busca indenização, mas continua a denunciar, já que ainda vive lá, inclusive sofrendo violência.

Durante a pandemia causada pela COVID-19, em 2020, Krenak fala sobre a única maneira que acredita que o rio Doce possa se recuperar e finaliza com uma referência à quarentena quase que mundial imposta pelo novo coronavírus.

Segundo Krenak,

Quando engenheiros me disseram que iriam usar a tecnologia para recuperar o rio Doce, perguntaram a minha opinião. A minha opinião é muito difícil de colocar em prática, pois teríamos que parar todas as atividades humanas que incidem sobre o corpo do rio, a cem quilômetros nas margens direita e esquerda, até que ele voltasse a ter vida. Então um deles me disse, “isso é impossível, o mundo não pode parar”. E o mundo parou.  
(KRENAK, 2020, p. 4)

A última frase de Krenak é cheia de significado, o mundo que não podia parar por causa da produção de mercadorias, e teve de parar por causa do novo coronavírus.

## 6. Cultura

Ao longo de sua narrativa em *Ideias Para Adiar o Fim do Mundo*, Krenak faz algumas referências relativas às culturas dos povos indígenas Krenaks e Yanomamis. O presente trabalho traz algumas experiências do líder e xamã Yanomami Davi Kopenawa citadas na obra de

Krenak, estas experiências estão explicadas no livro *A Queda do Céu*, narradas por Kopenawa e escritas pelo antropólogo francês Bruce Albert. Segundo o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro que escreveu o prefácio do livro *A Queda do Céu*, esta é uma obra de mais de setecentas páginas, que levou vinte anos sendo escrita, que tem atrás de si trinta anos de convivência entre os autores numa espécie de “pacto etnográfico” e cerca de quarenta anos de contato do etnólogo-escritor com o povo do xamã-narrador. De acordo com Viveiros de Castro este é um livro sobre o Brasil, ele é ostensivamente sobre a trajetória existencial de Davi Kopenawa, em que o pensador e ativista político Yanomami, falando ao antropólogo francês, discorre sobre a cultura ancestral e a história recente de seu povo situado tanto em terras venezuelanas quanto em brasileiras. No livro Kopenawa explica a origem mítica e a dinâmica invisível do mundo, além de descrever as características monstruosas da civilização ocidental como um todo e de prever um futuro funesto para o planeta, mas, de um modo muito especial, é um livro sobre nós, dirigido a nós, os brasileiros que não se consideram índios, finaliza Viveiros de Castro.

### **Povos indígenas e sua relação espiritual com o mundo natural**

As informações a seguir foram retiradas da entrevista concedida por Ailton Krenak ao jornalista Bob Fernandes<sup>21</sup>. Mais uma vez, optou-se por manter o registro oral que caracteriza a entrevista.

Bob Fernandes: “- Uma vez você disse que Carlos Drummond de Andrade passou a segunda metade da vida sofrendo a humilhação de ver o que era sagrado pra ele virando poeira de minério em Itabira, disso ele fez poesia e beleza, mas morreu dizendo que Itabira era só um retrato na parede”. Após parafrasear Krenak, Bob Fernandes pergunta: “- O que é hoje o Rio Doce cujas margens você nasceu, você e seu povo?”.

Krenak responde: “ - Oh *Watu*, o *Watu* é essa entidade que aparece no mapa como bacia hidrográfica do Rio Doce, para o povo Krenak é o *Watu*. A lama, o dano que atingiu Itabira e atinge a bacia do Rio Doce, ele não consegue afetar essa entidade transcendente que é o *Watu*,

---

<sup>21</sup> Entrevista de Ailton Krenak concedida a Bob Fernandes para a TVE Bahia em 6 de fevereiro de 2020.

nós não desistimos dele e ele não vira um retrato na parede, é diferente da cosmovisão que o Drummond compartilhava sobre o Pico do Cauê, as montanhas em torno da aldeia dele, elas tinham uma existência material. Para nós o *Watu* é uma entidade, ele não pode ser abatido de uma maneira tão óbvia quanto as mineradoras acham, ele vive, ele está submerso, ele está nos lençóis subterrâneos e nós continuamos velando o *Watu* até que ele decida de novo, coexistir, conviver com quem vive o seu luto temporário. Quando diziam que o Rio Doce morreu, o pessoal lá da nossa aldeia sempre dizia, é muito fácil vocês dizerem isso, porque o costume deles é quando alguém morre, se enterra e continua a história, nós não deixamos o *Watu* morrer, ele está vivo.”

Nesse trecho da entrevista de Krenak a Bob Fernandes, destaca-se um aspecto da cultura de alguns povos indígenas que denota grande sabedoria em relação à natureza, ao mesmo tempo que emociona, como na frase “o *Watu* é uma entidade, ele não pode ser abatido de uma maneira tão óbvia quanto as mineradoras acham, ele vive, ele está submerso, ele está nos lençóis subterrâneos e nós continuamos velando o *Watu*”. Para os indígenas, os elementos da natureza são entes queridos, como pais, filhos, avós, tios e irmãos, por isso Krenak usa as expressões “ele vive”, “não pode ser abatido”, “continuamos velando”, é como se ele estivesse falando de um ser humano. Além de serem entes queridos, os próprios elementos da natureza também são parentes entre si, sendo muito respeitados e reverenciados em cerimônias. Os trechos a seguir reforçam essa importante característica da visão indígena sobre o ambiente natural.

Tem uma montanha rochosa na região onde o Rio Doce foi atingido pela lama da mineração. A aldeia Krenak fica na margem esquerda do rio, na direita tem uma serra. Aprendi que aquela serra tem nome, Takukrak, e personalidade. De manhã cedo, de lá do terreiro da aldeia, as pessoas olham para ela e sabem se o dia vai ser bom ou se é melhor ficar quieto. Quando ela está com uma cara do tipo “não estou para conversa hoje”, as pessoas já ficam atentas. Quando ela amanhece esplêndida, bonita, com nuvens claras sobrevoando a sua cabeça, toda enfeitada, o pessoal fala: “Pode fazer festa, dançar, pescar, pode fazer o que quiser”. (KRENAK, 2019, p. 17)

Assim como aquela senhora Hopi que conversava com a pedra sua irmã, tem um monte de gente que fala com montanhas. No Equador, na Colômbia, em algumas dessas regiões dos Andes, você encontra lugares que as montanhas formam casais. Tem mãe, pai, filho, tem uma família de montanhas que troca afeto, faz trocas. E as pessoas que vivem nesses vales fazem festas para essas

montanhas, dão comida, dão presentes, ganham presentes das montanhas. (KRENAK, 2019, p. 18)

É nessa relação simbiótica com a natureza que esses povos sabem como cuidar dela, entendem o manejo da floresta, se podem caçar os animais ou não, se podem colher seus alimentos ou não. Não existe a cultura da estocagem, evitando, dessa forma, que se percam recursos passíveis de perecer em função de pragas e intempéries.

Assim como o povo Krenak e a senhora do povo Hopi, a relação dos Yanomami com os elementos da natureza também é muito especial. Essa relação é o eixo central do livro de Kopenawa, em que ele narra, ainda, sua transformação em Xamã. A experiência de Kopenawa em se tornar Xamã começou ainda na sua infância, quando sonhava com seres assustadores, denominados *yai thë* pelos Yanomami. A trajetória rumo ao xamanismo, que começa na infância e perpassa toda sua adolescência, culminando em sua transformação definitiva, já na idade adulta.

Depois de tanto tempo, eu metia medo de tão magro. Tinha o rosto coberto de muco e de pó de *yãkoana*. Estava morto sob o seu poder e meus olhos eram os de um fantasma. Os espíritos tinham limpado todo o interior de meu corpo. Vários dias haviam passado antes de eu, por fim, começar a vê-los dançar. Eu mesmo tinha me tornado um deles. As vozes e danças dos espíritos haviam se tornado as minhas. Agora eles estavam satisfeitos de verdade. Assim é. Os *xapiri* ficam felizes quando lhes respondemos fazendo vibrar a língua: “*Arerererere!*”. Assim que nos escutam imitando seus cantos, gritam de satisfação e afluem de todos os lados com clamores de júbilo, como convidados a uma festa *reahu*: “*Aë! Aë! Aë!*”. (KOPENAWA, 2015, p. 149)

Assim Kopenawa começou a entender a natureza com um outro sentido e percebeu que seus sonhos desde a infância faziam parte de sua preparação xamânica, onde todos os elementos da natureza são os espíritos *Xapiri*.

As imagens que fazemos descer e dançar como *xapiri*, por outro lado, são suas formas de fantasma. São seu verdadeiro coração, seu verdadeiro interior. Os ancestrais animais do primeiro tempo não desapareceram, portanto. Tornaram-se os animais de caça que moram na floresta hoje. Mas seus fantasmas também continuam existindo. Continuam tendo seus nomes de animais, mas agora são seres invisíveis. Transformaram-se em *xapiri* que são imortais. Assim, mesmo quando a epidemia *xawara* tenta queimá-los ou devorá-los, seus espelhos sempre voltam a desabrochar. São verdadeiros maiores. Não podem desaparecer jamais. (KOPENAWA, 2015, p. 119)

Nesse sentido, Kopenawa explica que os animais ancestrais se transformaram em espíritos, então mesmo que os *xawara*, os homens brancos, matem os animais da floresta, seus espíritos *Xapiri* animais descem em seus *espelhos* para que eles venham a nascer de novo:

Em todos os lugares onde vivem humanos, a floresta é assim povoada de espíritos animais. São as imagens de todos os seres que andam pelo solo, sobem pelos galhos ou possuem asas, as imagens de todas as antas, veados, onças, jaguatiricas, macacos-aranha e guaribas, cutias, tucanos, araras, cujubins e jacamins. Os animais que caçamos só se deslocam na floresta onde há espelhos e caminhos de seus ancestrais yarori que se tornaram espíritos xapiri. (KOPENAWA, 2015, p. 121)

Os espíritos *xapiri* também são responsáveis por questões meteorológicas, que causam as mudanças climáticas como o vento e a chuva.

A casa do pai de minha esposa fica aos pés de um maciço rochoso que chamamos Watoriki, a Montanha do Vento. Essa montanha é também a casa de xapiri antigos, que lá vivem em grande número: espíritos do vendaval Yari Polari, espíritos arara, espíritos japim ayokora, espíritos galo-da-serra, espíritos macaco-aranha, macaco-prego, espíritos anta, espíritos veado, espíritos suçuarana e onça-pintada. Graças a esses xapiri, o vento e a chuva descem das alturas para espalhar-se por toda a floresta, tornando-a fresca e úmida. (KOPENAWA, 2015, p. 118)

Os xapiri costumam ser magníficos de ver, como o espírito do vendaval, Yariporari, que dança com leveza em meio a turbilhões de penugem branca, agitando imensas folhas de palmeira hoko si desfiadas, que ondulam em seu sopro poderoso. (KOPENAWA, 2015, p. 125)

As narrativas míticas dos Yanomami para explicar fenômenos científicos nos remete, inevitavelmente, aos mitos gregos, por exemplo, que atribuíam aos deuses poderes sobre todos os acontecimentos que afetavam os mortais. É o caso do sol, que, na cultura Yanomami, é a causa de uma séria doença que acomete as crianças:

Há ainda o espírito sol Mothokari, da boca cheia de sangue, que provoca febre nas crianças amarrando-as com o algodão escaldante fiado por sua esposa, antes de devorá-las. (KOPENAWA, 2015, p. 125)

O aprendizado xamânico se desenvolve com o uso do pó de *yãkõana*. Quando Kopenawa cheira o pó de *yãkoana* ele entra numa espécie de transe e experimenta várias aventuras onde os espíritos *Xapiri* são seus guias de aprendizado que vão ensiná-lo a curar as doenças do seu povo.

Assim, quando seus filhos adoecerem, você seguirá o caminho dos seres maléficos que roubaram suas imagens para combatê-los e trazê-las de volta! Você também fará descer o espírito japim ayokora para regurgitar os objetos daninhos que você terá arrancado de dentro dos doentes. Assim você poderá realmente curar os humanos!”. (KOPENAWA, 2015, p. 85)

A cura das doenças pelo Xamã se dá quando os espíritos *Xapiri*, que vivem nas profundezas da terra, são por ele convocados. Além do Xamã, as sábias da comunidade, mulheres que conhecem o uso medicinal das plantas, também participam dos rituais de cura.

No mundo debaixo da terra, onde reinam a escuridão e uma chuva sem fim, tudo é podre. No entanto, muitos outros xapiri vêm de lá! Esses são as imagens dos ancestrais *aõpatari*, que devoram as substâncias de feitiço e os seres maléficos jogados pelos xamãs em suas curas. (KOPENAWA, 2015, p. 125)

Bebiam pó de *yãkoana*, faziam descer seus espíritos, armavam tocaia com eles para atacar o mal e afugentá-lo. É verdade que nem sempre tinham sucesso e, apesar de tudo, algumas crianças acabavam sendo devoradas pelos seres maléficos das doenças. Não era diferente dos médicos dos brancos, que às vezes tentam tratar as pessoas com remédios que não prestam! Depois do trabalho dos xamãs, as esposas de nossos maiores, que eram muito sábias, também usavam plantas de cura da floresta. Com elas esfregavam ou banhavam os corpos dos doentes que tinham acabado de escapar da devoração por seres maléficos ou espíritos da epidemia. Hoje, é uma pena, são poucas as mulheres que ainda sabem usar essas plantas. As pessoas continuam pensando que só os xapiri podem mesmo curar os doentes, mas contam também com a ajuda dos remédios dos brancos. Antigamente, antes de os brancos chegarem à nossa floresta, morria-se pouco. Um ou outro velho ou velha desapareciam, de tempos em tempos, quando seus cabelos já tinham ficado bem brancos, seus olhos cegos, suas carne secas e flácidas. (KOPENAWA, 2015, p. 175)

Guardadas as diferenças entre as culturas Krenak e Yanomami, é importante pontuar a relação espiritual com a floresta, presente em ambas, ressaltando a relação desses povos com os elementos da natureza. É uma relação de amor e respeito, afetada, cada vez mais, pela preocupação com o meio ambiente, face às ameaças constantes de destruição de seu habitat.

## Queda do céu e empurrar o céu

Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspende o céu é ampliar o nosso horizonte, não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. (KRENAK, 2019, p. 32)

Quando você sentir que o céu está ficando muito baixo, é só empurrá-lo e respirar. (KRENAK, 2019, p. 28)

Em sua entrevista com Krenak, Bob Fernandes<sup>22</sup>, pergunta: “- O que significa no livro, *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, quando você diz: - Os Xamãs estão avisando, o céu vai cair na nossa cabeça?”.

Krenak responde: “- Pra quem acompanha os relatórios do painel do clima e também acompanha as declarações de gente que diz que não tem mudança climática, a gente pode ter dois extremos. Pode ter aqueles que acreditam que a única maneira do céu cair na nossa cabeça é em forma de tempestade e aqueles que entendem que o céu pode cair sob a nossa cabeça com a diluição desse mundo que habitamos da floresta, dos rios, da terra. O Rio de Janeiro levou um susto outro dia porque não tinha como abastecer a cidade com água, esse é um tipo de *queda de céu*, o desaparecimento de Itabira para o Drummond é uma *queda de céu*, os nossos rios transformados em esgoto e lama tóxica é uma *queda de céu*. Então, depende da perspectiva de quem está olhando ou ouvindo. Os xamãs estão sempre avisando que eles estão trabalhando para sustentar o céu, pra manter o céu.”

Bob Fernandes: “- O que é suspender o céu?”.

Krenak: “- Se a gente observar esses trabalhos dos Pajés de suspender o céu, nós vamos entender que é um trabalho de sanidade, é manter as pessoas com alguma capacidade de discernimento, com saúde mental pelo menos.”

---

<sup>22</sup> Bob Fernandes na entrevista para a TVE Bahia ocorrida em 6 de fevereiro de 2020, disponível no Youtube.

Bob Fernandes continua: “ - Isso não é pessimismo né, isso é a percepção das coisas como elas estão.”

Ao que responde Krenak: “ - Exatamente, não é uma amargura em relação a vida, é na verdade uma apreciação fantástica de estar vivo, que é muito bom.”

No depoimento gravado por Krenak<sup>23</sup>, ele fala do *Taruandé* que é um ritual de *suspender o céu* quando *o céu está muito próximo* da Terra. O ritual de *suspender o céu* é uma forma de aliviar as pressões e se constitui em um ritual de canto e dança dos povos indígenas, de acordo com as descrições de Krenak.

### **A importância de construir memórias**

No depoimento de Krenak<sup>24</sup>, ele alega que, nos dias atuais, diz-se que o movimento indígena está na vanguarda da luta social do Brasil. Indaga-se como se pode falar em extinção dos povos indígenas, se eles se propõem a explicar o que recuperaram de sua cultura. Para Krenak, trata-se de uma questão própria dos sociólogos e antropólogos. Em sua opinião, a ideia de resgate e superação não é bem-vinda, já que levam a uma visão romantizada da vida dos povos remanescentes, que, na verdade, sobrevivem, apenas.

A ideia de que o movimento indígena está na vanguarda da luta social, que tanto desagrada Krenak, realmente parece deslocada no tempo, pois a luta indígena já existe há muito tempo, e a própria militância indígena começou nos anos 80. O próprio discurso de retomada da cultura está relacionado a uma forma de resistência das etnias. Mais do que resgatar, as lideranças indígenas lutam por preservar sua cultura, de modo a evitar sua evasão permanente. Além disso, a cultura, em todas as sociedades, é dinâmica, viva. A ideia de resgate leva a uma suposição de que, em algum momento, essa cultura morreu, foi esquecida. Em determinados casos, isso se aplica, mas não é pertinente fazer essa afirmação quando se fala de grupos indígenas brasileiros. Ainda que em menor número, eles ainda existem, e sua cultura não foi

---

<sup>23</sup> Depoimento de Ailton Krenak para o evento Mekukradjá – Círculo de Saberes de Escritores e Realizadores Indígenas, realizado pelo Itaú Cultural em setembro de 2016, em São Paulo/SP.

<sup>24</sup> Depoimento de Ailton Krenak para a série *Vozes da Floresta*, que estreou em 14 de abril de 2020 no Youtube.

apagada por um fenômeno que tenha extinguido seu povo. Assim, sua cultura está viva e, por essa razão, precisa ser preservada e valorizada.

Uma das formas mais antigas de se preservar uma identidade cultural é a contação de histórias. A tradição oral desse costume remonta a séculos atrás e caracteriza um sem número de culturas ao redor do mundo. Krenak destaca a importância dessa tradição oral para a preservação de memórias e ideias. Kopenawa, por sua vez, valoriza a memória, mas dá um enfoque diferente à questão. É fato que os povos indígenas têm a tradição da oralidade, por meio da qual os conhecimentos vão passando de geração em geração, tornando a memória essencial para a preservação de sua cultura. Kopenawa chega mesmo a ironizar a maneira com a qual os não indígenas registram suas memórias.

Os brancos se dizem inteligentes. Não o somos menos. Nossos pensamentos se expandem em todas as direções e nossas palavras são antigas e muitas. Elas vêm de nossos antepassados. Porém, não precisamos, como os brancos, de peles de imagens para impedi-las de fugir da nossa mente. Não temos de desenhá-las, como eles fazem com as suas. Nem por isso elas irão desaparecer, pois ficam gravadas dentro de nós. Por isso nossa memória é longa e forte. (KOPENAWA, 2015, p.75)

No entanto, os indígenas se deram conta de que não era mais possível se valer apenas de seus dispositivos de memória, sem ter esses registros em papel ou outras formas de mídia. Por essa razão, alguns deles escrevem livros, outros pintam quadros, outros fazem filmes e outros defendem teses e escrevem artigos.

Assim como a tecnologia foi importante para o registro formal da História indígena, abriu-se também o caminho para a entrada do modo de vida digital nas aldeias. Em depoimento, Krenak fala da invasão das tecnologias nas aldeias.

Mesmo as pequenas comunidades humanas, regiões onde os povos indígenas conseguiram resistir ao último trator já estão sendo engolfadas por esse modelo de vida global, mesmo nos lugares mais remotos já entra a tralha tecnológica do Ocidente corroendo as formas de sociabilidade, interferindo nas relações de cooperação, de solidariedade, de cumplicidade, de reciprocidade. Por que a reciprocidade é a base dessas sociedades antigas, onde tudo é recíproco não entra a mercadoria, não entram as coisas. As relações têm que ser cultivadas, os seres humanos precisam aperfeiçoar suas formas de convivência, quando a gente abandona essa missão dos humanos aperfeiçoarem suas formas de convivência e transformamos tudo em barganha, mercadoria,

nós já começamos a corromper esses núcleos de comunidades humanas saudáveis e transformar tudo isso nessa coisa global que nós temos. (KRENAK, 2016)

A tecnologia, sob sua perspectiva, vem corrompendo os jovens indígenas, trazendo uma dificuldade em fazer com que esses jovens se interessem pela questão cultural ancestral, o que cria uma lacuna na preparação desses jovens para a luta, na preparação deles como guerreiros.

## **Considerações finais**

O objetivo deste trabalho foi estudar os assuntos trazidos na obra de Ailton Krenak - *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* - para desconstruir os estereótipos que ainda definem, de maneira equivocada, a cultura indígena, mas ao longo do estudo foi percebido que os assuntos eram muito extensos, com muitos sub-temas envolvidos, e ainda uma questão premente nos dias atuais, que é a dicotomia de informações que dificultam uma análise dos fatos quando se está longe da pesquisa de campo, por exemplo. Percebida essa dificuldade, foram feitos recortes dentro de cada tema, ainda que preservando a narrativa de líderes indígenas sobre os temas abordados.

A pesquisa realizada para este trabalho contribuiu para a compreensão e interpretação das ideias de Krenak. A busca de narrativas de outras lideranças indígenas trouxe significativa diversidade de informações, mostrando o panorama plural dessas etnias, e também as situações múltiplas nas quais cada uma se encontra.

O ponto comum, percebido pela fala de diversas lideranças indígenas, é a preocupação com a preservação de sua cultura, com suas diferenças e especificidades, mas sempre considerando a necessidade vital desses povos de estarem em harmonia com a natureza em seus territórios e de preparar as gerações futuras para a continuidade de sua luta.

As questões ouvidas sobre a educação indígena revelaram variações, mas também algumas preocupações em comum, como a preservação e valorização da cultura indígena de cada etnia. Uma preocupação identificada entre as etnias ouvidas nesta pesquisa é a passagem

do conhecimento ancestral para as crianças, com o objetivo de que este não desapareça. No entanto, a entrada da tecnologia nas aldeias interfere no interesse de jovens indígenas pela assimilação da cultura ancestral.

A enorme complexidade que envolve muitas questões relativas aos direitos indígenas é ponto delicado e demanda um estudo mais detalhado sobre todas as manobras feitas pelos governos de Estado de todos os tempos no sentido de privar esses povos de seus direitos. É o caso, por exemplo, da demarcação das terras indígenas, que vem sendo alvo de inúmeras discussões e mudanças, estas últimas decorrentes, em praticamente sua totalidade, das trocas de governo e de alterações feitas em órgãos que deveriam proteger os direitos indígenas, como por exemplo a FUNAI e algumas ONGs. No caso da FUNAI, as trocas frequentes de funcionários evidenciam que as questões políticas acabam sendo sobrepostas ao que seria a missão precípua desse órgão.

A pesquisa aqui realizada busca contribuir com a formação pedagógica, de modo a possibilitar a ação docente de acordo com a Lei nº 10.639. O aprendizado das culturas dos povos originários é necessário como valorização da história do nosso país, e ainda uma forma de preservar esses povos. Quando as próximas gerações tiverem realmente o conhecimento mais próximo da realidade dos povos indígenas, pode-se supor que esses povos deixarão de ser povos invisíveis, que fazem parte apenas de um imaginário infantil para se tornarem povos constituídos de pessoas reais que devem ser respeitados e valorizados. A educação ainda é a base para que os valores como a solidariedade, igualdade, criatividade, emancipação e liberdade sejam construídos.

Infelizmente, não é possível concluir este trabalho com uma mensagem otimista para os povos indígenas do Brasil. O olhar sobre as questões indígenas precisa alcançar o maior número de pessoas não indígenas, para que essas questões deixem de ocupar um lugar distante, sem fazer parte da vida de grande parte da sociedade não indígena. Mesmo que nós, estudantes, pesquisadores, professores doutores façamos a nossa parte, trazendo para a ciência os estudos dos povos indígenas com o protagonismo de suas lideranças, esse movimento teria que reverberar no governo do Estado, que, na verdade, deveria ser o responsável pelo cumprimento

da Lei e proteção dos habitantes do país. O momento necessita urgência, as calamidades contra os povos indígenas têm aumentado, e o movimento de valorização cultural de povos indígenas precisa de ampliação e escalada rápida até os órgãos competentes.

## Referencias Bibliográficas:

ALVES, José E. D.. **Os 25 anos da CIPD: terra inabitável e o grito da juventude**. Revista Brasileira de Estudos de População, v. 36, p. 1-13, Nov/2019. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-30982019000100450](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982019000100450)  
Acesso em: 14/05/2020

BRASIL. Medida Provisória no. 886/2019. Lei nº 13.901 de 11/11/2019 com veto. Brasília, DF, ano 2019. Disponível em: <https://www.congressonacional.leg.br/materias/medidas-provisorias/-/mpv/137363>  
Acesso em: 18/07/2020.

BRASIL. [Constituição(1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)  
Acesso em: 15 abr. 2020.

CLASTRES, Pierre. **A Sociedade contra o Estado**. São Paulo: UBU Editora, 2017.

FUNAI. Nota da Funai sobre a PEC 215/00. Brasília-DF, 28 Out. 2015. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/3494-nota-da-funai-sobre-a-pec-215-00>  
Acesso em: 29/06/2020.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4194484/mod\\_resource/content/1/As%20veias%20abertas%20da%20Am%C3%A9rica%20Latina.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4194484/mod_resource/content/1/As%20veias%20abertas%20da%20Am%C3%A9rica%20Latina.pdf)  
Acesso em: 20/07/2020

IBGE. Estudos especiais - o Brasil indígena - os indígenas no Censo Demográfico 2010. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2020. Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/pt/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/os-indigenas-no-censo-demografico-2010#:~:text=O%20Censo%202010%20revelou%20que,do%20Minist%C3%A9rio%20da%20Justi%C3%A7a.%5D>

Acesso em: 20/06/2020.

ISA. Povos em isolamento na Amazônia Legal. In: Povos indígenas isolados. Instituto Socioambiental-ISA. 05 fev. 2020. Disponível em:

[https://pib.socioambiental.org/pt/%C3%8Dndios\\_isolados](https://pib.socioambiental.org/pt/%C3%8Dndios_isolados)

Acesso em: 25 Abr. 2020

KOPENAWA, D.; ALBERT, B.. **A Queda do Céu: Palavras de um Xamã Yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 1a.edição.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.1a.edição.

\_\_\_\_\_. **O amanhã não está a venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.1a.edição.

\_\_\_\_\_. O tradutor do pensamento mágico. [Entrevista concedida a] Bruno Weis e Amanda Massuela. **Cult**, ed.251, 4 de Nov. 2019. Disponível em:

<https://revistacult.uol.com.br/home/ailton-krenak-entrevista/>

Acesso em: 07 Mai. 2020.

MALM, Andreas. **A perspectiva da Dominica: Antropoceno ou Capitaloceno?**. In: Correio da UNESCO, muitas Vozes, um Mundo.[2018?]. Disponível em:

<https://pt.unesco.org/courier/2018-2/perspectiva-da-dominica-antropoceno-ou-capitaloceno>

Acesso em: 17/06/2020.

MILANEZ F. et al. **Existência e Diferença: O Racismo Contra os Povos Indígenas**. Revista Direito e Práxis, Rio de Janeiro, V. 10, No 3, Set/2019, p. 2161-2181. Disponível em:

[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2179-89662019000302161&lang=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2179-89662019000302161&lang=pt)

Acesso em 21/07/2020.

SURVIVAL. Povos Indígenas do Brasil. Survival International.

Disponível em:

<https://www.survivalbrasil.org/povos/indios-brasileiros>

Acesso em: 19/07/2020

### **Vídeos e Podcast:**

AILTON Krenak: A natureza não é uma fonte inesgotável. Direção: Afonso Borges. Projeto Sempre um Papo, Belo Horizonte/MG, [entre 2015 e 2017]. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=OzV5xFWZdy0>

Acesso em: 21 Abr. 2020.

ESPIRAL dos Afetos - Ideias para adiar o fim do mundo. Rio de Janeiro: Centro de Artes UFF-Universidade Federal Fluminense, [2019]. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=NUhCKS\\_UezM](https://www.youtube.com/watch?v=NUhCKS_UezM)

Acesso em: 20 Abr. 2020.

ITAÚ CULTURAL. Davi Kopenawa – Seminário Arte, Cultura e Educação na América Latina. Itaú Cultural, São Paulo, Março de 2018. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=3JeZQBGwvoo>

Acesso em: 17/07/2020.

\_\_\_\_\_. Mekukradjá: questões indígenas. Entrevistado: Edson Kayapó. Itaú Cultural, 2017.

Publicação 9 Dez. 2019 . Podcast. Disponível em:

<https://www.itaucultural.org.br/edson-kayapo-mekukradja>

Acesso em: 20/07/2020.

\_\_\_\_\_. Mekukradjá – Círculo de Saberes de Escritores e Realizadores Indígenas.

Entrevistado: Ailton Krenak. Itaú Cultural, São Paulo/SP, Setembro de 2016.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LEw7n-v6gZA> Acesso em: 19/06/2020.

\_\_\_\_\_. Mekukradjá – Círculo de Saberes: Língua, Terra e Território. Entrevistada: Fernanda Kaingang. Itaú Cultural, São Paulo(SP), Outubro de 2017.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a66oSL8bsTU>

Acesso em: 19/07/2020.

\_\_\_\_\_. Mekukradjá – Círculo de Saberes: Língua, Terra e Território. Entrevistado: Davi Guarani. Itaú Cultural, São Paulo(SP), Outubro de 2017.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4Ymnj8WbgF4>

Acesso em: 19/07/2020.

KRENAK, Ailton. TVE Entrevista Especial. [Entrevista concedida a] Bob Fernandes. TVE Bahia, 06 de fev. 2020. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=3yXIEshRnYg&t=1377s>

Acesso em: 18 Abr. 2020.

SELVAGEM ciclo de estudos sobre a vida. Transmissão ao vivo em 17 de Abr. de 2020.

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=xeAI7GDOefg>

Acesso em: 17 Abr. 2020.

VOZES da Floresta - A aliança dos Povos da Floresta de Chico Mendes a nossos dias. In: Não Verás País Nenhum. Direção: Thiago B. Mendonça. [S.L]: Le Monde Diplomatique Brasil, 14 de Abril de 2020. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=KRTJIh1os4w>

Acesso em: 20 Abr. 2020.